











100

15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100

# TÔDA A POESIA

G  
V  
I  
L  
H  
E  
R  
M  
E

D  
E  
A  
L  
M  
E  
I  
D  
A



~LIVRARIA MARTINS EDITORA~







11454 c 6

# TÔDA A POESIA

GUILHERME DE ALMEIDA



Tomo I



*Compõe-se esta edição de 3.000 exemplares, numerados de 1 a 3.000; e, mais 50 exemplares em papel Westerledger, que o Autor numerou e rubricou.*

**1037**

# TÔDA A POESIA

**GUILHERME DE ALMEIDA**

— 6

**Tomo I**

**Simplicidade (1912-1914)**

**Na Cidade da Névoa (1915-1916)**

**Suave Colheita (1912-1919)**



**LIVRARIA MARTINS EDITÔRA S. A.**  
**RUA SÃO FRANCISCO, 77/81 — SÃO PAULO**



**Nesta compilação de "Tôda a Poesia", de Guilherme de Almeida, é observada a ordem cronológica da composição, e não a da publicação dos vários livros.**

# SIMPLICIDADE

23

**« Ecoutez la chanson bien douce  
qui ne pleure que pour vous plaire... »**

**PAUL VERLAINE**

A PRIMEIRA MÁGOA



## CORAÇÃO

Lembrança, quanta lembrança  
Dos tempos que já lá vão!  
Minha vida de criança,  
Minha bôlha de sabão!

Infância, que sorte cega,  
Que ventania cruel,  
Que enxurrada te carrega,  
Meu barquinho de papel?

Como vais, como te apartas,  
E que sòzinho que estou!  
Ó meu castelo de cartas,  
Quem foi que te derrubou?

Tudo muda, tudo passa  
Neste mundo de ilusão;  
Vai para o céu a fumaça,  
Fica na terra o carvão.

Mas sempre, sem que te iludas,  
Cantando num mesmo tom,  
Só tu, coração, não mudas,  
Porque és puro e porque és bom!

## CANÇÃO DA SIMPLICIDADE

**E**sta é a voz da Simplicidade:  
não tem nada de artificial.  
Ela é bem como a mocidade:  
melancólica e natural.

E é bem triste, porque é sincera.  
Por quê não? Tanta gente existe  
que, num dia de primavera,  
sem saber porque, fica triste.

O que a gente sabe do mundo  
dá vontade só de morrer;  
mas o que não sabe é, no fundo,  
o que faz a gente viver.

Esta é a voz bem doce e prudente  
que se, às vêzes, nesta ou naquela  
fôlha chora, é para que a gente  
ache a vida melhor do que ela.

Ó crianças, vesti, na aurora,  
as roupinhas dominicais!  
Colhei flores, que ides agora  
ouvir o órgão entre os vitrais!

Ó velhinhas, tomai o chale  
e os rosários! E que, ao sol pôsto,  
êste canto às almas vos fale  
e vos tire as rugas do rosto!

Lindos rostos, rostos sem vincos,  
persignai-vos com devoção!  
Ó mulheres, tirai os brincos  
para ouvirdes bem a canção!

A canção bem moça, bem doce  
e bem simples... Ó mocidade,  
que serias tu se não fôsse  
a canção da Simplicidade?

## SIMPLICIDADE, FELICIDADE...

**S**implicidade... Simplicidade...  
Ser como as rosas, o céu sem fim,  
a árvore, o rio... Por que não há de  
ser toda gente também assim?

Ser como as rosas: bôcas vermelhas  
que não disseram nunca a ninguém  
que têm perfumes... Mas as abelhas  
e os homens sabem o que elas têm!

Ser como o espaço, que é azul de longe,  
de perto é nada... Mas quem o vê  
— árvores, aves, olhos de monge... —  
busca-o sem mesmo saber porque.

Ser como o rio cheio de graça,  
que move o moinho, dá vida ao lar,  
fecunda as terras... E, rindo, passa,  
despretensioso, sempre a cantar.

Ou ser como a árvore: aos lavradores  
dá lenha e fruto, dá sombra e paz;  
dá ninho às aves; ao inseto, flores...  
Mas nada sabe do bem que faz.

Felicidade — sonho sombrio!  
Feliz é o simples que sabe ser  
como o ar, as rosas, a árvore, o rio:  
simples, mas simples sem o saber!

## A ALMA TRISTE DA RUA

Desta minha janela, cá do alto,  
é que, aos poucos, minha alma se habitua  
a sentir, nas calçadas e no asfalto,  
a alma triste da rua.

As vêzes passa uma criança. Assomo  
à janela. Vai só, vai quase nua.  
Seu grande olhar ingênuo é triste como  
a alma triste da rua.

Uma mulher... Meu Deus, quanta desgraça  
traduz aquela sêda que flutua!  
E eu adivinho, na mulher que passa,  
a alma triste da rua.

Passam os homens rudes. E, nas môrnas  
horas em que o trabalho tumultua,  
eu sinto na cantiga das bigornas  
a alma triste da rua.

E à noite, quando a serenata acorda  
no seu leito de rendas Dona Lua,  
a voz dos boêmios ainda me recorda  
a alma triste da rua...

## AS ARVORES DA RUA

**Q**ue tristes árvores, coitadas!  
Eu tenho tanta pena delas!  
Doentes, raquíticas, plantadas  
em longas filas paralelas...  
Que tristes árvores, coitadas!  
Ó minhas verdes exiladas!

Crescer ali, sem liberdade,  
no alinhamento de uma rua;  
sentir a vida da cidade  
e não poder viver a sua!  
Crescer ali, sem liberdade...  
Moças, mas — ah! — sem mocidade!

Se conseguissem ir mais alto!  
Mas sentem prêsas as raízes  
sob a pressão quente do asfalto.  
Elas seriam tão felizes,  
se conseguissem ir mais alto,  
galgar, tomar o céu de assalto!

Cortam-lhes galhos, coitadinhas!  
Nem lhes dão tempo de flori-los!  
Fazem-nas tôdas iguaizinhas,  
como as meninas dos asilos...  
Cortam-lhes galhos, coitadinhas,  
e elas parecem òrfãzinhas!

Ninguém lhes quer nem as entende;  
ninguém procura a sua sombra;  
nem a seus pés nunca se estende  
o verde fresco de uma alfombra.  
Ninguém lhes quer nem as entende:  
ah! só minha alma as compreende.

Nas suas ramas pensativas  
nunca se esconde o amor de um ninho,  
nem borboletas fugitivas,  
nem canta nunca um passarinho...  
Das suas ramas pensativas  
porque fugis, almas furtivas?

Quando o luar tem tons de prata,  
nas pobres árvores da rua  
nunca ninguém gravou a data  
de um beijo... Apenas, quando há lua,  
quando o luar tem tons de prata,  
sob elas chora a serenata.

Se geme, em tardes misteriosas,  
o harmônio místico do vento,  
elas se benzem, religiosas,  
na solidão do alinhamento.  
Se geme, em tardes misteriosas,  
o vento, benzem-se, medrosas...

Parecem freiras cochichando  
nos corredores dos mosteiros,  
com suas toucas brancas, quando  
há névoas no ar... Quando há nevoeiros,  
parecem freiras cochichando,  
parecem monjas desfilando...

Que tristes árvores, coitadas!  
Eu tenho tanta pena delas!  
Doentes, raquíticas, plantadas  
em longas filas paralelas...  
Que tristes árvores, coitadas!  
Ó minhas verdes exiladas!

**Na Via Sacra desta vida  
também há tanta criatura  
plantada em linha aborrecida...  
Por esta Rua da Amargura,  
na Via Sacra desta vida  
vive tanta árvore esquecida!**

## OS VARREDORES

**O**s varredores, mudos de assombro,  
sacola ao lado, vassoura ao ombro,  
passam nas noites enfeitadas.  
Vão tropeçando na mancha oblonga  
das suas sombras, que a luz alonga,  
que a luz alonga sôbre as calçadas.

Botas ferradas, chapéu de oleado,  
vassoura ao ombro, sacola ao lado,  
vão cabisbaixos os varredores.  
Vão... E os nevoeiros, num arpepio,  
dão-lhes um brilho cortante e frio,  
sob a luz boêmia dos combustores.

E, assim lustrosos pelos nevoeiros,  
parecem grupos de cavaleiros:  
vão de armadura tão luzidia,  
numa cruzada contínua e insana,  
para a conquista quotidiana  
do pão bendito de cada dia.

Varrem e varrem... Vão sob o açoite  
do vento, e o pranto de Dona Noite,  
até o sorriso de Dona Aurora.  
E êles — coitados! — que, sendo honestos,  
nada guardaram, varrem os restos  
dos que tiveram para pôr foral

Nas noites suaves de primavera,  
quando soluçam pela atmosfera  
beijos, e os peitos moços latejam,  
que triste inveja devem ter êles  
da juventude feliz, daqueles  
que ainda são moços, que ainda se beijam!

Nas noites claras de estio, quando  
doridamente vai soluçando  
nas ruas mortas a serenata,  
no cadenciado mover dos braços  
os varredores marcam compassos  
da cantilena que os arrebatam.

Por estas noites feias de outono,  
tristes, cansados, tontos de sono,  
perpassam mudos os varredores...  
Há tantas fôlhas pelas calçadas!  
Há tantas casas iluminadas!  
Nas suas casas há tantas dores!

Nas noites frias de inverno, enquanto  
dormem os ricos, cheios de espanto  
vão cabisbaixos os varredores...  
Vão... E os neveiros, num arrepio,  
dão-lhes um brilho cortante e frio  
sob a luz boêmia dos combustores...

Na nossa vida, mudos de assombro,  
sacola ao lado, vassoura ao ombro,  
passam os dias, passam os anos...  
Vão tropeçando na mancha oblonga  
das suas sombras, que a luz alonga  
sobre o caminhó dos desenganos...

Varrem no estio, na primavera,  
varrem no outono, no inverno... E o que era  
da nossa vida de sonhadores  
— sonho de velho, de adolescente... —  
desaparece súbitamente  
sob a vassoura dos varredores...

## AS NEBLINAS

**N**egras noites, manhãs pardas de inverno,  
que são como velhinhas a tremer  
numa eterna aflição, num luto eterno  
pelo sol que já tarda aparecer!

Têm, de tanto chorar, o olhar enxuto.  
E que seriam — ah! — se, aos turbilhões,  
não viesse, às vêzes, aliviar seu luto  
a renda fina destas cerrações?

Eu gosto destas névoas cismadoras,  
porque fazem nascer em mim também  
um mundo de visões consoladoras.  
E é só por isso que lhes quero bem.

Quanta idéia despertam, quanta! Algumas  
vêzes, eu penso que há qualquer altar  
erguido lá no céu, e que estas brumas  
são do incenso que a lua anda a queimar...

Outras vêzes, eu julgo que as estrélas  
dormem juntas, no céu, como casais,  
e que esta névoa é o cortinado que elas  
deixam rolar dos tálamos nupciais.

Creio, às vêzes, também, que a lua deve,  
como as estrélas, suas mil irmãs,  
envelhecer: e este nevoeiro leve  
é a branca multidão das suas cãs.

Quando, à tardinha, esta neblina desce,  
como um véu, pelas casas a roçar,  
a noite casta e tímida parece  
uma noivinha que se vai casar.

Eu penso que o sol fuma, que êle seja  
o sultão de uma exótica Stambul,  
e, antes de adormecer, tonto, bafeja  
a derradeira fumarada azul!

As vêzes, de manhã, estas neblinas  
dão-me a forte e saudável impressão  
de grandes grupos brancos de meninas  
que vão para a Primeira Comunhão.

Outras vêzes, parecem as velhinhas  
que passam, na tristeza do sol-pôr,  
com seus chales de lã, enrugadinhas,  
e que vão visitar Nosso Senhor.

Algumas vêzes, esta névoa fria  
dá-me idéia, se há cinzas no arrebol,  
de que assisto a uma clara romaria  
para o Santo Sepulcro do Deus-Sol.

É por isso que eu gosto destas névoas,  
destas neblinas, desta cerração.  
Quando descem do céu, sinto-as e levo-as  
na alma, nos olhos e no coração...

## CANTIGA DA NÉVOA

### I

Como são lindas as neblinas  
das madrugadas!  
Parecem grupos de meninas  
endomingadas,

tôdas de véu, tôdas branquinhas,  
tôdas bonitas,  
com flores, têrços, ladainhas,  
rendas e fitas...

Tão puras vão, tão brancas para  
sua Primeira  
Comunhão na capela clara  
e domingueira!

Como são lindas as neblinas  
das madrugadas!  
Parecem grupos de meninas  
endomingadas...

## II

Ah! como são doces as névoas  
na tarde calma!  
Vendo-as assim, sinto-as e levo-as  
no fundo da alma.

**Parecem pálidas noivinhas  
devotamente,  
piedosamente ajoelhadinhas  
no altar do poente.**

**Se o sol, que é um círio, já não arde,  
ó noivas doidas,  
névoas sem luz, névoas da tarde,  
ide-vos tôdas!**

**Ahl como são doces as névoas  
na tarde calma!  
Vendo-as assim, sinto-as e levo-as  
no fundo da alma...**

### III

De noite é tão triste o nevoeiro!  
Antes as chuvas!  
De noite, é como um bando inteiro  
de órfãs e viúvas,

que vão rezar, encolhidinhas,  
requiens... E gemem  
no funeral das estrelinhas,  
que já não tremem.

E o céu, então — quando o luar talha,  
triste e funéreo,  
em cada névoa uma mortalha —  
é um cemitério...

De noite é tão triste o nevoeiro!  
Antes as chuvas!  
De noite, é como um bando inteiro  
de órfãs e viúvas!

## AS ASILADAS

Quando tãgem, na luz da paisagem de cromo,  
os sinos do domingo, as órfãs, ao ouvi-los,  
vão leves, vão sutis e vão branquinhas como  
as paredes de cal dos virginais asilos.

Perpassam docemente as órfãs, olhos cheios  
de sol, tontos de luz. E vão, duas a duas,  
em fila aborrecida, ao longo dos passeios,  
na movimentação dominical das ruas.

E as asiladas vão, mais alvas do que os lírios.  
Não rezar, vão buscar na igreja — embaraçadas  
de se verem um dia assim endomingadas —  
a silenciosa paz das naves e dos círios.

Diante do resplendor devoto dos altares,  
desfilam lentamente. E ali, nos longos bancos  
paralelos e iguais, acomodam-se aos pares,  
na morna insipidez dos uniformes brancos.

E quando, horas depois, de novo, no ar ardente  
do domingo de céus luminosos e exóticos,  
desconsoladamente, amarguradamente,  
desanda o carrilhão dos campanários góticos,

aparecem, de volta, as pálidas meninas.  
Nas ruas da cidade a agitação desmaia.  
Surgem freiras. Assoma, ao longe, nas esquinas,  
o alvíssimo adejar das toucas de cambraia.

Meus olhos seguem sempre as órfãs. Não existe nada mais infeliz! São como as silhuetas das árvores da rua, ali plantadas, triste e paralelamente, ao longo das sarjetas.

São iguais, são iguais nos vestidos de cassa, nas histórias, na dor, na tez de porcelana... E eu cuido ver, então, no bando que perpassa, o lento desfilar da desventura humana.

São iguais, são iguais como os dias vividos com diárias ilusões e desenganos diários: porque os asilos são imensos calendários e as órfãzinhas são os dias esquecidos...

São iguais, são iguais como as contas de um brando rosário. E esse rosário, ajoelhada na nave do amor, a humanidade boa anda desafiando entre os dedos de luz da caridade suave...

São iguais, são iguais como as gotas: — Dir-se-ia que a alma do povo anda a chorar pelo caminho e que cada asilada é uma gotinha fria, e cada asilo, um lenço alvíssimo de linho...

Por isso, eu sigo sempre, involuntariamente,  
o desfile infeliz das órfãs silenciosas.  
Sigo-as, uma por uma: e sinto isso que sente  
quem folheia um breviário, ou quem desfolha rosas...

## AS VELAS

As velas passam... De onde vêm elas,  
aonde vão elas, sôltas às ondas?  
Nos horizontes passam as velas,  
sôltas às vagas crespas, redondas...

Umás são brancas. De madrugada,  
abrindo um vôo de asas gigantes,  
cortam os mares, em debandada...  
— Brincai, filhinhos de navegantes!

Outras são róseas. Quando o sol quente  
desmancha a renda dos nevoeiros,  
elas perpassam serenamente...  
— Cismai, ó noivas de marinheiros!

Outras, vermelhas. Morre em golfadas  
o sol e as ondas têm estertores...  
As velas dançam ensanguentadas...  
— Rezai, espósas de pescadores!

Outras são negras. Noite. Nas curvas  
dos horizontes há céus tão sujos...  
Ahl velas tristes, ahl velas turvas!  
— Chorai, santinhas mães de marujos!

## ONDAS DO MAR

**O**ndas do mar, ondas do mar!  
Não deixam nunca de rolar...  
Dias sem sol de minha vida,  
de minha vida aborrecida,  
não deixam nunca de passar...  
Ondas do mar, ondas do mar!

Ondas do mar, ondas do mar,  
que vêm, saltando, se enroscar  
pela brancura das areias,  
como os cabelos das sereias  
que vivem sempre a me tentar...  
Ondas do mar, ondas do mar!

Ondas do mar, ondas do mar,  
Não deixarão de se quebrar?  
Têm o fragor triste que eu ouço  
quando se quebra um sonho moço  
que eu passo a vida a acalantar...  
Ondas do mar, ondas do mar!

Ondas do mar, ondas do mar!  
que andam, de noite, a se mudar  
na renda fina das espumas!  
As minhas noites más, de brumas,  
dão-me cabelos côm de luar...  
Ondas do mar, ondas do mar!

Ondas do mar, ondas do mar!  
Uma alva vela triangular  
é uma ilusão de tôdas elas...  
Pobre de mim! As minhas velas  
fazem vontade de chorar...  
Ondas do mar, ondas do mar!

## ELEGIA DE MAIO

Só, com minha alma solitária,  
derramo o olhar pela janela:  
há uma nevrose imaginária  
na perspectiva paralela  
desta alamêda. Junto a mim,  
na tarde, há frêmitos de spleen.

Outono. As loucas ventoinhas  
vaíam as ramas que estão nuas;  
foram-se embora as andorinhas:  
vôam as fôlhas pelas ruas.  
Nuvens de tule enchem de paz  
êste alto céu de tafetás.

Maio, meu bom, meu velho amigo,  
andas como eu: andas mudado...  
Maio, consola-te comigo!  
São nervos, são... Toma cuidado!  
Mês de Maria, outrora, com  
sinos e reza, eras tão bom!

Tinhas tanta alma, tantas graças,  
eras tão bom, tão religioso,  
mês de Maria! Hoje não passas  
de um pobre mês tuberculoso...  
Maio de cinza, agora o teu  
imenso spleen é igual ao meu.

Que é das meninas perpassando,  
flores na mão, vestidos leves?  
Que é das velhinhas tropegando?  
Que é dos teus sinos? Ah! tu deves  
ter bem saudade... Era uma vez,  
Virgem Maria, o vosso mês...

Lembro-me bem com que alegria  
as criancinhas desfilavam,  
tôdas tão brancas! E eu dizia  
que eram os anjos que passavam...  
Anjos da terra, aquêles véu  
vos dava um ar de anjos do céu!

Com seus toucados de vidrilho,  
lá ia o grupo das velhinhas,  
tôdas iguais como o estribilho  
das infindáveis ladainhas...  
Como eu gostava de pensar  
que eram as almas a passar!

Sinos de Maio! Eu perguntava,  
ouvindo a música de um sino,  
se era Maria que cantava  
para embalar o seu Menino...  
Sinos de Maio, a retinir,  
cantai, cantai para eu dormir!

## MORTE

**P**ois se ela tem que vir, que venha ao menos  
num domingo de sol!  
Que a manhã seja clara, os céus serenos,  
bem alvo o meu lençol!

Alvíssimo: da côr das coisas puras.  
Eu gosto dessa côr.  
Detesto o negro, o luto, as amarguras,  
a tristeza... Que horror!

Que os sinos cantem, nessa madrugada,  
bem altos: dlon! dlin! dlan!  
E passe muita gente endomingada,  
no ar fresco da manhã!

Vestidos claros, de limpeza extrema,  
em que o tempo veloz  
guarda as dobras e o cheiro de alfazema  
das arcas dos avós...

Que perpassem, de leve, nas calçadas,  
com muita devoção,  
criancinhas saudáveis e enfeitadas,  
que vêm da comunhão!

Que desfilem, na rua, as òrfãzinhas  
de olhar casto e infantil,  
nas suas saias muito engomadinhas,  
carregadas de anil!

**E que as boas velhinhas, escutando  
os sinos — dlon! dlin! dlan! —  
passem muito felizes, tropeçando  
nos seus chales de lã!**

**Que haja sol, que haja luz, que haja alegria  
no dia em que ela vier!  
Porque a terra terá, doce e macia,  
um calor de mulher...**

**E eu passarei, no meio dêsse povo  
religioso e feliz,  
endomingado, no meu terno novo,  
sapatos de verniz...**

**Se tudo fôr assim alegre e puro  
no dia em que eu morrer,  
eu levarei, no meu caixão escuro,  
vontade de viver!**

## METEMPSICOSE

**M**orrer... Pelos caminhos  
ir branco, ir muito frio, ir de roupinha nova,  
as mãos em cruz, o olhar de vidro, os pés juntinhos:  
ir assim para a cova!

Ir e não ver... Bizarro!  
E tudo tão luxuoso, e tudo rico, tudo!  
Os amigos de prêto, as coroas, o carro,  
o caixão de veludo...

Bizarro! Que vida, esta!  
Ser festejado assim, com tanto reboliço,  
com tanta pompa assim: e o anfitrião da festa  
nada ver de tudo isso!

Depois, a sepultura:  
sair de um leito pobre e de colchões macios,  
para um de pedra, rico... Ah! mas que cama dura  
e que lençóis tão frios!

E desfazer-se aos poucos...  
Não ter o que comer e dar comida a tantos  
inimigos! Meu Deus, que terra esta de loucos!  
De loucos ou de santos?

Ficar assim, agora,  
escutando o silêncio e olhando a treva... E, inteira,  
completamente só, voltar ao que era outrora:  
ser poeira de outra poeira!

Mas, na terra selvagem,  
achar uma semente: adubá-la, um minuto,  
e ser raiz, e ser arbusto, e ser folhagem,  
e ser flor, e ser fruto!

Flor que um Sol-Poente banha  
e que vai perfumar, enfeitar com ternura  
— ó flor de morte, flor paradoxal e estranha! —  
a própria sepultura!

Fruto que vai dar vida  
aos pássaros do céu! Galho que vai dar sombra  
aos homens do caminho! Ou erva apeteçada  
de apeteçada alfombra!

Ah! morrer na certeza  
de, assim multiplicado, invisível e mudo,  
viver eternamente em tôda a natureza  
e na vida de tudo!



**O PRIMEIRO AMOR**



## ELEGIA DOS SINOS

Os sinos tocam a matinas.  
Perpassam pela rua umas velhinhas  
amarelas e muito enrugadinhas,  
como as fôlhas de um livro muito lido.

E elas se escondem nas neblinas...  
Vão-se assim as visões da juventude:  
e, num sonho de paz e de virtude,  
o nosso amor começa, alvorecido...

Os sinos tocam a matinas.

Os sinos cantam a noivados.  
Deve haver pelas naves dessa igreja  
o roçar de um véu alvo, que rasteja,  
e um perfume de flor de laranjeira...

E os noivos vão, de braços dados.  
Vamos nós dois também assim unidos,  
assim num mesmo sonho confundidos,  
inteiramente, para a vida inteira!

Os sinos cantam a noivados.

Os sinos tanger a trindades.  
Infelizes no amor, a noite e o dia  
vão-se encontrando na melancolia  
do poente, porque a tarde é o encontro e a glória  
de duas tristes mocidades...

Para nós que, uma vez, nos encontramos  
e, sem sabermos como, nos amamos,  
é triste como a tarde a nossa história...

Os sinos tanger a trindades.

Os sinos dobram a finados.

Num caixão de veludo muito estreito,  
vai alguém, mãos cruzadas sôbre o peito,  
para a branca cidade dos defuntos.

Seguem-no vultos enlutados...

Quem sabe lá se é o nosso amor que passa?  
Quem sabe lá se o seguem, por desgraça,  
aquêles sonhos que sonhamos juntos?

Os sinos dobram a finados.

## BALADA DO SOLITARIO

**E**difiquei certo castelo  
por uma esplêndida manhã:  
brincava o sol, quente e amarelo,  
numa alegria incauta e sã.  
E eu quis fazer, ó louco anelol  
dêsse palácio encantador  
o ninho rico, mas singelo,  
do teu, do meu, do nosso amor.

Por isso, em vez do som do duelo  
tinindo em luta heróica e vã,  
fiz soluçar um “ritornello”  
em cada ameia ou barbacã...  
Depois, tomando o camartelo,  
alto esculpi, dominador,  
êsse brasão suntuoso e belo  
do teu, do meu, do nosso amor.

De que serviu? se elo por elo  
dessa paixão de alma pagã  
rompeste a golpes de cutelo,  
ó minha loira castelã?  
Hoje estou só, sòzinho, e velo  
por êste imenso corredor  
que corre, corre paralelo  
ao teu, ao meu, ao nosso amor.

#### OFERTÓRIO

A ti, Princesa, eu te revelo  
esta canção, que um trovador  
virá cantar pelo castelo  
do teu, do meu, do nosso amor!

## O CRUZADO

**F**iz-me Cruzado, um dia: o cavaleiro  
mais luzidio que existiu... Meu passo  
retumbou num tremendo estardalhaço  
entre os muros do alcácer altaneiro.

Prendeu-me o pajem um “frankisk” ao braço;  
pôs três plumas num elmo sobranceiro;  
ensilhou meu ginete mais ligeiro;  
deu-me a cota-de-malha e os guantes de aço.

Parti. Lutei. Venci. Troaram hinos!  
E derrotei milhões de Saladinos,  
tomei de assalto paredões medonhos...

Mas, quando ia voltar dessa Cruzada,  
perdi lança, broquel, penacho e espada  
ante o Santo Sepulcro dos meus Sonhos!

## DESPEDIDA

**P**enso em ti, penso em mim, penso em nós; penso  
no lenço que agitaste, comovida,  
porque havia uma lágrima em teu lenço  
e havia, nessa lágrima, uma vida.

**E assim ficaste. E eu sigo assim. Suspenso  
entre nós, como faixa colorida,  
vai-se desenrolando o rôlo imenso  
de uma paisagem rejuvenescida...**

**Tudo feliz: os homens, as charruas,  
as montanhas, as árvores, as ruas  
das aldeias pacíficas... Depois,**

**vou rezando comigo: Minha santa,  
que infelizes que somos, quando há tanta,  
tanta felicidade entre nós dois!**

## ESQUECIMENTO

**P**ela janela aberta, quando a lua  
põe uma alma noturna no aposento,  
entra, doido por mim, teu pensamento  
e, pouco a pouco, forma a imagem tua.

És tu, és mais que tu, porque estás nua...  
Chegas. Falas. Depois, a um gesto lento  
das silenciosas mãos do esquecimento,  
tua imagem tristíssima recua...

Mas — ah! — na sua eterna mocidade,  
surge e retém teu passo o vulto antigo,  
o antiquíssimo vulto da saudade...

E eu luto inútilmente por perder-te:  
inútilmente, porque estás comigo  
neste inútil desejo de esquecer-te!

## PARAÍSO PERDIDO

**E**u não sei onde estás, em que recanto  
do mundo brilha o teu olhar altivo  
que encheu de luz o sonho fugitivo  
que foi meu sonho e que eu amava tanto!

Tu já terás volvido um compassivo,  
saudoso olhar para o que foste... E, enquanto  
choras, talvez, aquê tempo, eu canto  
êsse lindo passado que ainda vivo.

Quando o vento da dor franzir a calma  
superfície do lago de tua alma  
e desfolhar a flor do teu sorriso,

ó filha de Eva, volta, se quiseres!  
Volta! — A mais infeliz d'entre as mulheres  
é a que nunca perdeu um paraíso!

## O SONETO DO POETA FELIZ

Vês uma luz no sexto andar, lá em cima?  
Pois bem, naquela poética mansarda  
mora Mimi Pinson, o anjo-da-guarda,  
a inspiradora de minha obra-prima.

Alto? Mas é barato. “Arte” não rima  
com “dinheiro”... E dinheiro não se guarda...  
A Fama é leve, sobe bem, não tarda;  
mas o Ouro é mais pesado... e desanima...

Glórias? Passei a vida a conquistá-las!  
E todo o mundo anda a dizer meu nome,  
e todo o mundo, quando eu passo, abre alas!

Felicidade irônica! Ora, adeus!  
Sou feliz... sou feliz... Mas, tenho fome!  
Uma esmolinha, pelo amor de Deus!

## BALADA DO POETA ÉBRIO

**B**urguês, meu bom, meu velho amigo,  
paga outro copo, anda daí!  
Presta atenção ao que te digo:  
só porque nunca consegui  
rima para “álcool”, não consigo  
fazer um verso; e já não topo  
com ritmos... Ah! meu gênio antigo  
dorme no fundo do meu copo.

Olhou-me, um dia, do postigo  
uma romântica Mimi:  
e em seu olhar, que ainda bendigo,  
que inspirações eu não bebi!  
Bebi, viciiei-me... E hoje persigo,  
no meu terror de misantropo,  
aquêlê olhar que, por castigo,  
dorme no fundo do meu copo.

As ilusões que andam comigo,  
sabes por quê ainda as não perdi?  
Porque as conservo em álcool! Sigo  
muitos exemplos que já vi  
pelos museus. Não há perigo:  
se tenho um sonho, em vinho o ensopo;  
e o desengano, que maldigo,  
dorme no fundo do meu copo.

#### OFERTÓRIO

Alcool, meu ótímo inimigo,  
"Cavalo Branco" em que galopo!  
Deixa-me só dormir contigo!  
Dorme no fundo do meu copo!

## BRETA

**A**bre os olhos azuis sôbre os versos que escrevo!  
Esses olhos azuis que evocam a alma estranha  
de uma paisagem verde e feliz como um trevo,  
perdida entre o nevoeiro e as pedras da Bretanha.

Não sei onde... Há um telhado, um céu, uma  
[montanha,  
longas relvas... E, além, muito branco, o relêvo  
de um rebanho, e um pastor que, cantando, acom-  
[panha  
a cadência banal destes versos que escrevo...

Tua pátria! Deixaste-a, um dia — que loucura!  
E ela não te deixou, pois, cheia de ternura,  
veio no teu olhar, pensativa e tristonha...

Mas... tu choras ao ler esta pobre cantiga...  
Minha linda bretã, minha infeliz amiga,  
fecha os olhos azuis sôbre o que escrevo — e sonha!

## O ÚLTIMO SONETO

**V**ivi. Quando cheguei, trazia os olhos cheios  
da saudade de um céu que foi meu mundo antigo.  
A vida me fêz mau. E os homens, por castigo,  
odiaram-me. E eu também, porque eram maus,  
[odiei-os.

Sofri. Tudo o que tive — ideais, sonhos, anseios —  
nafragou numa pobre lágrima... E, comigo,  
mais de um homem chorou, mais de um me disse:  
[“Amigo!”]  
A dor tornou-nos bons: perdoaram-me, perdoei-os.

Amei: vivi, sofri contigo. Em um segundo  
resumimos a vida e, em nosso ninho, o mundo...  
No entanto, a ti que amei, que o amor fêz incapaz

de ódio — êsse mal que é um bem, porque êle só  
[perdoa —,  
por mais que eu seja bom, por mais que sejas boa,  
nunca te perdoarei, nunca me perdoarás!



NA CIDADE DA NÉVOA



"O ville, toi ma soeur à qui je suis pareil...

.....

**Nous sommes tous les deux la tristesse d'un port  
Toi, ville! toi ma soeur douloureuse qui n'as  
Que du silence et le regret des anciens mâts;  
Moi, dont la vie aussi n'est qu'un grand canal mort!**

(GEORGES RODENBACH, "Le Règne du Silence").



## NA CIDADE DA NÉVOA

**N**a Cidade da Névoa um triste abril desfolha  
Os plátanos da rua. Um tédio longo e lento  
Desce numa neblina e friamente molha  
A desanimação do pardo calçamento.

O vento anda a arrepiar a pele dos telhados  
E a arrastar pelo chão as fôlhas amarelas,  
Deixando, no torpor das ruas paralelas,  
Um nervoso ranger de tafetás molhados.

O mês de abril empoa os céus de cinza e pinta  
As árvores de cromo. O mês de abril tem trinta  
Quartas-Feiras-de-Cinza: e a Cidade desfia  
Trinta dias de spleen e de neurastenia.

Cinzento mês de abril, ó mês tuberculoso!  
A Cidade parece o asilo silencioso  
Onde tosem, dorida e ininterruptamente,  
As tórres, o arvoredado e os magros combustores.

Dobram sinos: e os campanários cismadores  
Pelas tardes de abril têm acessos de tosse  
Que vêm despedaçar o coração da gente.  
Nas alamêdas passa um ventozinho doce:  
E curvando-se então os plátanos corcundas  
Põem-se a tossir. E os combustores tosem quando,  
Nestas noites de outono escuras e profundas,  
Assobiam na rua os contagiosos ventos  
E as chuvas outonais escorrem acordando  
Nos caixilhos de ferro os vidros sonolentos.

E as neblinas da noite, irmãs-de-caridade,  
Passam sob o adejar do linho dos capuzes.

Redobram de furor, nas ruas da Cidade,  
Hemoptises de sons, de fôlhas e de luzes.

## A ALMA DA RUA

**A** rua vive: a rua sofre, a rua goza.  
E é por isso que eu creio inabalavelmente  
Que a rua deve ter uma alma misteriosa.

Calçada e arborizada, eu sei que a rua sente,  
Naquela confusão de pedra e clorofila,  
Uma alma assim, como a de quase tôda gente.

Basta que eu desça ao meu balcão para senti-la  
Na perspectiva igual do longo alinhamento,  
Na gesticulação de uma árvore tranqüila,

Num combustor, na canalização do vento,  
Na brancura de cal das casas paralelas,  
Nas fachadas que têm um gesto sonolento

Piscando no fechar e abrir destas janelas,  
Ou bocejando então no descerrar das portas...  
Quando as árvores vão fazendo-se amarelas,

Quando o vento desfolha as ramarias tortas  
E quando, ao pôr-do-sol, começa nas calçadas  
O bailado outonal das leves fôlhas mortas,

Na hora da Extrema-Unção das tardes arroxeadas,  
É que eu vou, diretor espiritual da rua,  
Ouvir-lhe a confissão das faltas praticadas.

E a alma da rua diz-me o seu pecado, a sua  
Miséria... E enquanto o vento, o velho órgão,  
[resmunga,  
Na gótica matriz da noite ela comunga  
A branca e celestial partícula da lua.

## O ALTAR DE PEDRA

**N**as tardes em que o sol, como os antigos lustres  
Dos presbiterios, desce entre os vitrais do poente,  
Eu venho debruçar-me entristecidamente  
No meu velho balcão de velhos balaústres.

E êsse meu peitoril — que o musgo de veludo  
Encobre e onde se enrosca a fúria das glicínias,  
Onde dorme, feliz, contemplativo e mudo,  
Um pote de gerânio em florações sanguíneas  
— Esse meu parapeito é o meu altar florido.

As vêzes venho, pecador arrependido,  
Confessar-lhe, prostrado, uma íntima desgraça:  
E o meu balcão, mostrando a multidão que passa  
Cabisbaixa e infeliz, me anima e me consola.  
Outras vêzes também, de casula e de estola,  
Eu venho celebrar o Santo Sacrifício  
Dos sonhos que ali faço e que ali mesmo esqueço:  
E a patena do sol rebrilha do comêço  
Ao *ite missa est* do meu divino officio.

Há tardes em que vou ao meu altar de flores  
Ler o Breviário eterno e santo do passado;  
E, aos pés da balaustrada, o espírito ajoelhado,  
Medito à meia-luz dos poentes cismadores.  
Outras, em que revisto uma pluvial de sêda  
E vou ali pedir à tarde que interceda  
Ao sol por mim que sou um átomo de barro:  
E, como um sacerdote em tardes de novena,  
Fico incensando o sol com a espiral serena  
Da fumarada azul que sai do meu cigarro.

Quando a noite aparece, acabrunhada e lenta,  
Meu balcão toma a côr das místicas roupagens  
Com que se cobrem, na Quaresma sonolenta,  
Nas catedrais de pedra os vultos das imagens.  
No silêncio da rua os tristes combustores  
Vão-se acendendo e dão-me a trêmula impressão  
De tochas a passar, e as casas são andores,  
E as árvores então são tôda uma irmandade,  
E o céu é um pálio, e a lua é uma hóstia, e esta:  
[Cidade:  
Parece uma noturna e estranha procissão...

E eu deixo o meu balcão de velhos balaústres  
Em que vim debruçar-me entristecidamente.  
Morrem no presbitério encantado do poente  
Os últimos clarões dos derradeiros lustres.

## OS COMBUSTORES

Os combustores são, nas ruas da Cidade,  
Uma ordem singular de monges cismadores:  
A Cidade é um convento; o silêncio, um abade;  
Cada casa, uma cela e as ruas, corredores.

Depois das Nonas, depois das Vésperas, quando  
Vão os vitrais do poente aos poucos se apagando  
E quando pelo céu, que é um grande sino velho,  
O badalo do sol põe-se a bater Trindades,  
Passam, olhos no chão que é a fôlha do Evangelho,  
Contemplativamente os silenciosos frades.

E, à meia-luz de mil constelações discretas,  
Sempre de pé, braços em cruz, os troncos retos,  
Ficam a noite inteira a résmungar Completas,  
No silêncio claustral dos corredores quietos.

Só quando o sol, pela manhã, toca a Matinas,  
É que nesse mosteiro os místicos Trapistas  
Cerram virtuosamente as pálpebras divinas.

Monges magros de ferro, êles são alquimistas  
Que acharam, não sei onde, um Elixir da Vida:  
Mas a Trapa parece que anda arrependida...

E assim vivem os pobres monges visionários,  
Piscando por detrás dos óculos de vidro;  
A chuva às vêzes molha os seus escapulários  
E cada monge então lembra um velho clepsidro.

Eles estendem sempre a sombra das folhagens  
Rendadas e sutis sôbre as ruas escuras,  
E parecem copiar simbólicas imagens  
Para encher um missal de mil iluminuras...

Sôbre os monges da rua extática e dormente  
A névoa tomba, à noite, e vem canonizá-los:  
Mensageira de Deus que desce unicamente  
Para abrir-lhes na frente a auréola dos halos.

OH! A CIDADE A NOITE...

**O**h! a Cidade à noite! As luzes que se **acendem**  
Na desanimação das ruas paralelas...  
Oh! a noite! As primeiras sombras que se **estendem**,  
Os primeiros clarões, as primeiras janelas

Iluminadas... O primeiro olhar dos carros  
Acesos na mudez das longas perspectivas...  
Oh! a noite! As primeiras brasas dos cigarros  
Piscando nos portões das casas pensativas...

Oh! a Cidade à noite! Oh! a monotonia  
Das linhas retas e das luzes perfiladas...  
E êste mistério, êste mistério das fachadas  
Onde uma porta escura é uma órbita vazia...

E estas janelas, e estas verdes venezianas  
Que se fecham medrosa e silenciosamente,  
Dando a triste impressão de pálpebras humanas  
Que se cerram também como os olhos da gente...

E os últimos pregões que morrem abafados  
No ar quieto... E a discreção dos passos encobertos  
Nas ruas... E a mudez dos bairros retirados  
Da Cidade que dorme assim de olhos abertos...

E esta gente que passa, e esta gente que pára  
Nas esquinas à luz dêstes lampiões vadios...  
E esta casa sombria, e aquela casa clara:  
Sombras claras aqui, e ali clarões sombrios...

E lá por cima, e lá bem alto, e longe, pelas  
Imensidões, o céu que acende, sossegado,  
Sôbre o grande clarão elétrico e azulado  
Da Cidade, o clarão medroso das estrélas . . .

E os céus parecem quarteirões iluminados,  
E a Cidade parece um céu claro e esquisito,  
Quando piscam de noite, eternos namorados,  
Os olhos da Cidade e os olhos do infinito . . .

## ESTAS CHUVAS

**A Cidade**, depois das chuvas melancólicas,  
**Tem um ar** de limpeza e de convalescença.  
**De chale novo**, como as velhinhas católicas,  
**Ela cumpre** também supersticiosamente  
**A promessa** que fêz, durante a sua doença,  
**De pôr**, no altar do céu, a vela do sol-poente.

As vêzes, anda aflita — estas névoas afligem —  
E então, sempre que o vento a sacode, a Cidade  
Tem acessos de tosse e ameaças de vertigem.  
Finalmente, um calor pela manhã a invade  
E ela tem muita febre, ela delira, ela arde.  
E, na alucinação esplêndida da tarde,  
Descem as nuvens, chove: é a Cidade que sua.

Oh! a chuva! Este spleen, esta neurastenia!  
A enxurrada que sai pelos poros da rua;  
Esta transpiração aborrecida e fria  
Da Cidade que está que nem sequer se move...  
Esta febre, será que nunca mais se acalma?  
A doença é contagiosa: e eu sinto, cada dia,  
Que, quando chove assim pela Cidade, chove  
Dentro da minha vida e dentro da minha alma.

Mas a moléstia cessa. E um ar sadio e calmo  
Volta à fisionomia pálida das casas.  
E quando o dia foge aos poucos, palmo a palmo,  
E as aves põem no céu mil reticências de asas,

O sol toma o maior de todos os compassos  
E, fazendo brilhar as gemas dos seus dedos,  
Aparece no poente um breve instante para  
Traçar o Arco-da-Velha, abrindo sete traços  
Sôbre esta confusão incoerente e clara  
De tôrres, chaminés, telhados e arvoredos.

Só isto, dentro em mim, é que anda sempre doente..  
Só esta chuva fria, amarga e aborrecida  
Não deixa de cair impertinentemente  
Dentro desta minha alma e desta minha vida.

## OS MOSTRADORES

**N**as ruas da Cidade, os brancos mostradores  
Dos relógios parecem olhos cismadores:  
Olhos sem vida, olhos de morto, olhos vidrados,  
Rasgados no perfil das tórres pensativas,

Na carranca senil das fachadas, rasgados  
Na desanimação das longas perspectivas  
E na fisionomia extática das praças.  
Pupilas que não vêem, grandes pupilas baças  
Que vivem a chorar, amarga, aborrecida  
E interminavelmente, as lágrimas das horas,  
As lágrimas de bronze, as lágrimas sonoras  
Que rolam pela rua e pela nossa vida...

Os mostradores são eternas sentinelas  
E os seus ponteiros são eternas baionetas.  
“Quem vem lá? Quem vem lá?” — e as grandes  
[pontas pretas  
Avançam sempre...

Os mostradores são janelas  
Em que o Tempo debruça o busto milenário  
Para ver desfilar a procissão humana:  
Velho monge de longa barba soberana,  
Ele põe-se a virar as fôlhas do Breviário  
Das horas que se vão, das horas que envelhecem,  
E a soluçar sòzinho os seus Kyrie Eleisons...

De noite, os mostradores vão-se iluminando  
E, redondos e brancos, no alto, êles parecem  
Luas artificiais que vivem derramando  
Pela Cidade morta o seu luar de sons...

## AS TORRES

Ó tôres da Cidade, ó grandes tôres pardas  
Erguidas no esplendor dos ares cristalinos;  
Ó ninhos de granito, ó poéticas mansardas,  
Sonora habitação das aves e dos sinos!

Ó campanários onde os bronzes cantam e onde  
Cantam aves do céu nas madrugadas suaves:  
Onde o metal pergunta e o pássaro responde:  
Ó Tôrres de Babel dos sinos e das aves!

Tôrres cinzentas, ó campanários eternos  
Em cuja flecha audaz que o próprio raio afronta  
Cantou tão forte o sino e os pássaros tão ternos  
Que o galo de metal emudeceu na ponta!

Musaléns de pedra, ó belas tôres altas!  
Banha-as em prata a lua; o velho sol, acaso  
namorado, lhes dá beijos de luz; esmalta-as  
o carmim da alvorada e o vermelhão do ocaso.

Altas tôres, faróis do som, nobres e alertas;  
Gigantes de granito e de fidelidade:  
Seus arcos ogivais são pálpebras abertas  
Velando a vida, a paz, o sono da Cidade.

Parece que os retalhos sujos dos telhados  
São páginas de um livro antigo que se estendem  
Sob as tôres, ou são *in-folios* desbotados  
Que as tôres vivem lendo e que elas só entendem.

Tôres sentimentais, ó longas tôres boêmias  
Que vivem a cantar sob o balcão da lua!  
São como elas também, são suas irmãs-gêmeas  
As almas dos violões que choram pela rua...

Quando, do trem-de-ferro, acima de um barranco,  
Já não vejo senão a torre de uma igreja,  
Tenho a doce impressão de que essa flecha seja  
O derradeiro adeus do casario branco.

E, quando chego, é sempre, sempre a mesma torre  
Que surge no horizonte a dar-me a boa-vinda:  
E enquanto digo "Já?", no trem que corre e corre,  
A torre, lá de longe, é que responde: "Ainda?"...

## OS CASARÕES

**E**m mortos quarteirões que a mão do Tempo guarda  
E a civilização sacrílega respeita,  
Ainda hoje se esparrama alguma casa parda  
De rótula e beirais, nalguma rua estreita.

Na graça colonial das pinhas e das telhas,  
Que por durarem tanto a gente adora e poupa,  
Os tristes casarões são como as roupas velhas  
Que dormem na honradez de um velho guarda-roupa.

Dos grossos paredões, onde a antiga argamassa,  
Rachando-se, pintou um mapa-múndi estranho,  
Pendem lampiões de ferro em que se enrosca e enlaça,  
Em volutas, o encanto heráldico de antanho.

Sôbre os largos beirais, feitos como que para  
Proteger as calçadas rústicas de pedra,  
Não sei que planta brava, acabrunhada e avara  
Nos canos de metal eternamente medra.

E cada casarão tem sua longa história,  
Como as velhinhas que andam sempre pela igreja:  
Mas a sua velhice é tão contraditória,  
Que o seu telhado, em vez de embranquecer, negreja.

À noite, quando eu vou por essas quietas vielas  
Do tempo encantador dos desembargadores,  
Ainda avisto, através do vidro das janelas,  
O riso acolhedor daqueles bons senhores.

As vêzes, vejo o rosto oval das grandes damas  
No retângulo exíguo e claro dos postigos;  
E ouço, entre os rapapés das tímidas mucamas,  
Um áspero ranger de tafetás antigos.

Bom tempo êsse! Que luz ardia mais atenta?  
— Eram, no céu de sêda, as estrêlas serenas,  
Ou era, por detrás da rótula ciumenta,  
O pensativo olhar das pálidas morenas?

Bom tempo em que passava à noite, sob a lua,  
Chorando nos violões de cordas soluçantes  
E espiritualizando a solidão da rua,  
O amor sentimental dos magros estudantes!

Por isso é que, de noite, eu gosto de embrenhar-me  
Por essa confusão de ruas retiradas,  
Contra as quais o progresso ainda não deu o alarme,  
Chamando o batalhão profano das enxadas.

E, nesses quarteirões, as míseras ruelas  
Dão-me a triste impressão de corredores tortos,  
Porque essas casas são as derradeiras celas  
No retiro claustral dos velhos tempos mortos.

## OS TISICOS

**Ê**stes plátanos... Ah! quando os ventos de maio.  
Pelo hospital da rua ululam contagiosos,  
Eu, o médico — eu, sim — dêstes plátanos, saio  
Para vir auscultar os meus tuberculosos.

Este outono tornou meus doentes amarelos  
E o vento faz tossir os pobres infelizes.  
Dos seus leitos de pedra iguais e paralelos  
Eles lançam então em longas hemoptises  
Golfadas outonais de fôlhas amarelas...  
Que tristeza anda aí na solidão da rual  
Escrupulosamente, as portas e as janelas  
Fecham-se. Isto faz dó, porque parece que elas  
Têm medo do contágio... Isto faz mal... Flutua  
Pela rua calada e lívida de assombro  
Esse ar de morte, êsse ar que todo o mundo sente  
Vendo o médico, um dia, sacudir o ombro  
E entristecer-se à cabeceira de um parente...

Por isso, quando grassa a triste epidemia,  
E começam, na rua acabrunhada e fria,  
Essa deliquescência, essas vertigens suaves,  
Devo ter, cada vez que vou pela Cidade,  
O riso de consólo, o riso de piedade  
Que os médicos mantêm nos casos muito graves.  
E eu que soffro, eu que sinto o contágio de tudo  
E que sempre gostei das coisas que entristecem,  
Por que elas são como eu, porque elas se parecem  
Comigo, eu que devia andar tristonho e mudo,  
Eu sou forçado a andar quase risonho, quase  
Feliz, para assistir nas alamêdas êrmas  
A agonia outonal das árvores enfêrmas.

Estes plátanos... Ah! quando cessa o barulho  
Dêstes ventos de outono, e o frio mau de julho  
Manda a neblina, manda a mortalha de gaze  
Sôbre os tísicos, sôbre os plátanos defuntos;  
E, para acompanhar o préstito noturno,  
Surge, de tocha acesa, o bando taciturno  
Dos velhos, dos fatais, dos magros combustores,  
— Vêm cabisbaixos, vêm em turmas, todos juntos,  
De sacola e vassoura, os boêmios varredores...  
São enfermeiros: vêm varrer as fôlhas mortas,  
Para que a floração que já transpõe as portas  
Dêste eterno hospital não se impressione tanto,  
Ela que nunca teve uma única hemoptise...

E a Primavera vem entrando triste, enquanto  
Se apagam os sinais da derradeira crise...

**SUAVE COLHEITA**



Sob um signo propício e um céu de bom agouro,  
semeei. A messe aí está. Pensa agora, um segundo,  
que não valem os grãos que há nesse campo de ouro  
o que um só me custou das dores dêste mundo!

Para amadurecer o Messidor vindouro,  
quanta vez vi sangrar o chão rude e profundo;  
e o céu chorar a chuva; e o sol, paciente e louro,  
suando a vida, subir seu Calvário fecundo!

Colhe agora! E se houver papoulas na áurea trama  
dos feixes, pensa então nalguma primavera  
que passou como passa uma mulher que se ama...

E leva-as em sinal dessa desconhecida  
por quem o semeador semeia o grão que opera,  
dentro da terra morta, o milagre da vida!



POEMAS DE AÇO



I

PÓRTICO

**Q**ue nestes versos haja as áureas formas puras  
que os besantes mantêm nos velhos cunhos seus;  
e o heráldico lavor das épicas figuras  
que a Renascença abriu na alma dos camafeus!

Que êles tenham (lembrando antigas aventuras  
sob a cruz de Bulhão, nos batalhões de Deus)  
a heróica rigidez das nobres armaduras  
que dormem na penumbra eterna dos museus!

Que êles sigam também de montante e loriga,  
de alabarda e broquel! Que esta falange siga  
a Cruzada do amor, bradando: "Deus o quer!"

Para que vivam sempre em todo tempo e espaço,  
levam, no brilho do ouro e na rijeza do aço,  
o sonho de um artista e o amor de uma mulher!

## II

### A MELHOR CONQUISTA

**E**sta panóplia gôda, em que pusera outrora  
seus troféus um Senhor de pendão e caldeira,  
na sala de um museu boceja e dorme agora  
um sono de bolor, de ferrugem, de poeira...

---

São manoplas, braçais, *frankisks*, ferrões de espora,  
tarjas, elmos sem pluma e cuja audaz viseira  
parece que desceu sôbre um olhar que chora  
a desapareição de uma estirpe guerreira.

Contam que seu Senhor, certa vez, em memória  
da conquista, que foi sua maior vitória  
e a glorificação de tôda a sua vida,

chamou cinco donzéis e um escudeiro e fê-los  
pendurar na panóplia uma trança brunida  
de louros, divinais, esplêndidos cabelos!

### III

## CAVALEIRO DO AMOR

**C**avaleiro do Amor, sobe à armaria e cinge  
o teu saio de malha, e eril sapata e o guantel  
Arrocha o arnês, empluma o casaco, ergue o montante  
e enjaula, na viseira, o teu olhar de esfinge!

Vem, desce ao pátio e monta o teu corcel possante;  
enrista a lança audaz que roça a adarga e ringe;  
transpõe o fôssco — e vai, e verte o sangue, e tinge  
de goles teu brasão, o Cavaleiro-andante!

Vai, vence! E, vencedor, dirás: “Eu, se fui forte,  
se desprezei a vida e se afrontei a morte,  
é que amei, é que amei como ninguém mais ama!

E fiz, pela paixão que neste peito encerro,  
meu amês mais tenaz que o meu amor de ferro,  
meu gládio mais fatal que o olhar da minha dama!”

## IV

### O HERÓI

**F**ulvo Herói medieval, cavaleiro do sonho,  
no heráldico fulgor da couraça e da glória,  
e ao épico trotar do meu corcel, transponho  
a vaga Palestina inóspita e ilusória!

Hão de as damas chorar-me: e ouvir-lhes-ei, tristonho,  
mil xácaras de amor, nas pompas da vitória;  
hão de os bardos cantar-me: e passarei, risonho,  
da voz dos menestrais às páginas da História...

“Por quê sempre trotou na frente o teu ginete?  
Por quê, no tópo audaz do altivo capacete,  
sempre trouxeste a pluma heróica, desfraldada?”

— É que fui nobre e ameí! É que levei comigo,  
no meu peito os brasões de um cavaleiro antigo,  
e um nome de mulher na cruz da minha espada!

## V

### PERCEVAL

Êle, o monge, dizia: “Eu fui glorioso e forte:  
chamavam-me, no mundo, o Belo Perceval...  
Muito alfange inimigo, embaixador da morte,  
estalou no broquel pregado ao meu braçal!

Por Brancaflor, venci, sòzinho, uma coorte;  
zombei do Rei Artur, matando-lhe o rival;  
ao brilho do meu nome e esplendor do meu porte  
eu conquistei a glória, um trono e o Santo Graal!

Depois... fiz-me eremita. E, à sombra de uma penha,  
eu vesti, sem amor, sem fé, sem esperança,  
sôbre a armadura de aço o manto de estamenha...

Porque — ai de mim! — se o meu arnês nunca sequer  
deixou que perpassasse a ponta de uma lança,  
também não quis que entrasse o olhar de uma  
[mulher!"

## VI

### O JOGRAL

**E**i-lo! Sob o faiscar de escárnios e sorrisos,  
no sombrio salão de um grão senhor feudal,  
sacode a bossa e arrasta a irônica brial  
de tufos, de galões, de fitas e de guizos...

Guincha, e gagueja, e salta, e canta... E, entre  
[indecisos  
clarões de lampadário e a graça medieval  
das damas e galãs, o mísero jogral  
vai diminuindo a dor e exagerando os risos...

Ninguém sabe entender os seus esgares bufos,  
porque êle veste o amor, a corcunda e a tristeza  
de fitas, de galões, de guizos e de tufos...

E vai levando assim — sentimental truão! —  
glorioso de fazer sorrir sua princesa,  
a dor no fundo da alma e um títere na mão!

## VII

### O FORAGIDO

**A**li, naquela velha alcáçova do Algarve,  
que a mandrágora envolve e aos séculos resiste,  
ela, um dia, o traiu. E a vilania alarve  
viu partir seu Senhor armado, altivo e triste.

Ele atou à escarcela a rude lança em riste;  
derreou os gonfalões das albarrãs de adarve;  
transpôs a levadiça... E armado, altivo e triste,  
partiu daquela velha alcáçova do Algarve...

E para ninguém rir dos seus padrões de glória,  
nem ler nunca em seu rosto a sua triste história,  
tirou a Cruz de Aviz do flanco da espaldeira;

no timbre do morrião pôs quatro plumas pretas  
e fêz soldar, ao som de trinta e três trombetas,  
no barbote do casco as bordas da viseira!

## VIII

### ÚLTIMA CRUZADA

**U**m dia, êle partiu sedento de aventura.  
Desmontou-se a panóplia; a ponte levadiça  
surdamente gemeu na perra dobradiça,  
e o clarim de um arauto estrugiu pela altura...

E êle passou — famoso herói de alta bravura —  
ao trêmulo adejar da pluma movediça...  
Passou, em riste a lança enfarpada e maciça,  
rangendo no imbricado de aço da armadura...

E êle, o grande Senhor de baraço e cutelo,  
êle, o Conquistador, dos homens o mais belo,  
o mais audaz, o mais feliz, o mais risonho,

— ai dêle! — nunca mais voltou dessa Cruzada  
que o fêz perder a lança e o fêz quebrar a espada  
ante o Santo Sepulcro em que escondera um sonho!

## IX

### CASTELO NO AR

**E**u já quis ser, no ardor da minha vida antiga,  
Cid Campeador, Roldão, Perceval, Dom Quichote!  
Já quis, do alto de um sonho e dentro da loriga,  
ver o mundo através das frestas do barbote...

Sôbre um urco alazão, que o xairel de aço abriga,  
quantas vêzes, entregue ao corcovear do trote,  
julguei sentir, na confusão da horda inimiga,  
ranger a arma de Islam na tarja do mangote!

Mas meu arnês foi um gibão de veludilho;  
minha arma, uma guitarra ardente e apaixonada  
e meu grito de guerra, um trêmulo estribilho...

Porque eu nada mais fui que um pobre trovador,  
que andou cantando o sol de uma frente dourada,  
pelo Castelo no Ar de um derradeiro amor!

OS ÚLTIMOS ROMANTICOS



I

A MÚSICA ETERNA

A tarde me convida:

Chego à janela e escuto. Estorce-se um realejo;  
uma bigorna geme; um sino, que não vejo,  
dobra perdidamente; uma ave aborrecida  
gorgeia na gaiola e silva um trem que parte...  
Em tôda parte sinto e escuto em tôda parte  
a música da vida.

Tange, distante, um sino...  
E eu começo a pensar nos tristes presbitérios,  
na alvura sepulcral dos frios cemitérios,  
onde o canto do bronze abre a cova... E imagino  
a indiferença alvar de um rústico sineiro  
e a insensibilidade amarga de um coveiro  
aos golpes do destino.

Longe, um realejo envia  
à caridade a voz de um grande desengano...  
E vem me segredar, ceticamente humano,  
que a única verdade é o pão de cada dia.  
Na paz espiritual da tarde silenciosa,  
essa voz me desperta uma visão bondosa  
da dor boêmia e vadia.

Um pássaro, em surdina,  
canta — chora, talvez... Mão perversa roubou-o  
à liberdade azul do seu primeiro vôo...  
E êle faz tão serena a angústia que o fulmina,  
que é naquela canção que a sua dor se expande...  
Mas a gente não crê que caiba dor tão grande  
numa ave pequeninal

Uma bigorna canta.  
É o órgão que acompanha a missa do trabalho...  
Chispa em brasa o metal... Tomba e retomba o  
[malho...  
Dos homens feitos de aço um clamor se levanta...  
Na poeira de carvão da negra usina em chama,  
o canto do progresso apaga a voz que clama,  
matando-a na garganta!

Um comboio que apita...  
É a lágrima... É o adeus... São braços que se  
[apertam  
desesperadamente e que se desapertam  
para sempre, talvez... E a saudade infinita...  
E o simbolismo atroz dos trilhos paralelos  
que não se encontram mais... Varre os sonhos mais  
[belos  
um lenço que se agita!

Por tôda parte vejo  
subir, galgar o céu, numa ânsia dolorida,  
o lento cantochão das dores desta vida...  
— Que seria de nós se, ao fúnebre cortejo,  
ao côro universal da grande queixa humana  
também não se juntasse, eterna e soberana,  
a música de um beijo?!

## II

### ESSA QUE EU HEI DE AMAR...

**E**ssa que eu hei de amar perdidamente um dia,  
será tão loura, e clara, e vagarosa, e bela,  
que eu pensarei que é o sol que vem, pela janela,  
trazer luz e calor a esta alma escura e fria.

E, quando ela passar, tudo o que eu não sentia  
da vida há de acordar no coração, que vela...  
E ela irá como o sol, e eu irei atrás dela  
como sombra feliz... — Tudo isso eu me dizia,

quando alguém me chamou. Olhei: um vulto louro,  
e claro, e vagaroso, e belo, na luz de ouro  
do poente, me dizia adeus, como um sol triste...

E falou-me de longe: “Eu passei a teu lado,  
mas ias tão perdido em teu sonho dourado,  
meu pobre sonhador, que nem sequer me viste!

### III

#### ESTA VIDA

**U**m sábio me dizia: “Esta existência não vale a angústia de viver. A ciência, se fôssemos eternos, num transporte de despêro, inventaria a morte!

Uma célula orgânica aparece no infinito do tempo: e vibra, e cresce, e se desdobra, e estala num segundo...

**Homem, eis o que somos neste mundo!”**

Falou-me assim o sábio e eu comecei a ver, dentro da própria morte, o encanto de morrer.

Um monge me dizia: “Ó mocidade,  
és relâmpago, ao pé da eternidade!  
Pensa: o tempo anda sempre e não repousa...  
Esta vida não vale grande cousa:  
— uma mulher que chora, um berço a um canto,  
o riso às vêzes, quase sempre o pranto...  
Depois, o mundo, a luta que intimida...  
Quatro círios acesos — eis a vida!”

Isto me disse o monge e eu continuei a **ver**,  
dentro da própria morte, o encanto de **morrer**.

Um pobre me dizia: “Para o pobre,  
a vida é o pão e o andrajo vil que o cobre.  
Deus?... Eu não creio nessa fantasia!  
Deus me dá fome e sede cada dia,  
mas nunca me deu pão nem me deu água...  
Nunca! Deu-me a vergonha, a nódoa, a mágoa  
de andar, de porta em porta, esfarrapado...  
Deu-me esta vida: um pão envenenado!”

Disse-me isto o mendigo e eu continuei a **ver**,  
dentro da própria morte, o encanto de **morrer**.

Uma mulher me disse: “Vem comigo!  
Fecha os olhos e sonha, meu amigo!  
Sonha um lar, uma doce companheira  
que queiras muito e que também te queira...  
Um telhado... Um penacho de fumaça...  
Cortinas muito brancas na vidraça...  
Um canário que canta na gaiola...  
— Que linda a vida lá por dentro rola!”  
Pela primeira vez eu comecei a ver,  
dentro da própria vida, o encanto de viver!

#### IV

### OS ÚLTIMOS ROMÂNTICOS

**D**eixas, enquanto o luar branqueia o espaço,  
pela escada de sêda, o parapeito...  
E vens, leve e ainda quente do teu leito,  
como um sonho de tule, por meu braço...

Somos o par mais poético e perfeito  
dos últimos românticos... Teu passo,  
cantando no jardim, marca o compasso  
do coração que bate no meu peito.

Depois partes e eu fico. E às escondidas,  
sobre a volúpia verde das alfombras,  
minha sombra confunde-se na tua...

Ah! pudessem fundir-se nossas vidas  
como se fundem nossas duas sombras,  
sob o mistério pálido da lua!

V

PELAS ESTRADAS SILENCIOSAS...

**P**elas estradas silenciosas  
andam sonhando os namorados...  
Cantam os anjos debruçados  
no céu, na terra, abrem-se as rosas...  
Andam sonhando os namorados  
pelas estradas silenciosas...

Ó namorados, cautela,  
que os anjos podem chorar!  
Ó namorados, cautela,  
que as rosas podem murchar!

Pelo silêncio das estradas  
beijam-se os noivos, ao sol-pôsto...  
Tímida, a tarde esconde o rosto,  
e as nuvens, no alto, estão coradas...  
Beijam-se os noivos, ao sol-pôsto,  
pelo silêncio das estradas...

Cuidado, noivos, cuidado,  
que as nuvens vos podem ver!  
Cuidado, noivos, cuidado,  
que a tarde pode sofrer!

Pelo sossêgo dos caminhos  
os namorados vão chorando...  
Piscam estrêlas, namorando;  
cheios de paz, dormem os ninhos...  
Os namorados vão chorando,  
pelo sossêgo dos caminhos...

Ó noivos, chorai baixinho,  
que as estrêlas podem rir!  
Ó noivos, chorai baixinho,  
que os ninhos podem sorrir!

VI

DESFOLHO A VIDA...

**D**esfolho a vida como um louco  
que desfolhasse um malmequer...  
“Amas-me muito?... Nem um pouco  
sequer?...”

E ela não vê, não ouve nada:  
tinha razão Félix Arvers!  
Há um anjo cego e surdo em cada  
mulher.

Mas se eu, em vez de entristecer-me,  
nada falar, nada fazer,  
qualquer mulher há de entender-me,  
qualquer...

VII

MARY

Vivíamos ali como no fundo  
de um grande sonho de felicidade:  
uma porta fechada para o mundo,  
uma lâmpada acesa — que saudade!

Mary tinha a alma leve, o olhar profundo,  
e era a moça mais linda da cidade;  
eu resumia a vida num segundo,  
como todo rapaz da minha idade.

E era assim nosso amor, na noite morta:  
como a lâmpada, ardente e sempre vivo,  
fechado ao mundo, como aquela porta...

Mas, certa vez, na alcova ampla e deserta,  
encontrei, silencioso e pensativo,  
a lâmpada apagada e a porta aberta!

## VIII

### A CRUEL DELÍCIA

Onde? Não sei. Por quê? Não sei. Mas como?  
[Quando?

— Eu disse nada sei.

Sei apenas que, enquanto eu delirava amando,  
nunca soube que amei.

Nunca! Que me importava? Era muito... Entretanto,  
cheguei mesmo a supor  
que para amá-la assim, que para amá-la tanto  
não bastava um amor.

Era preciso mais: que êsse amor fôsse eterno,  
que espedaçasse o véu  
que esconde a eternidade e inventasse um inferno,  
ou descobrisse um céu.

Um inferno? — Ainda bem: a dor seria doce...  
Um céu? — Tanto melhor:  
amá-la-ia mais... Como se o amor não fôsse  
um céu ainda maior!

Sem sofrer, sem gozar, passei da dor mais brusca  
ao mais brusco prazer,  
buscando-a loucamente, assim como quem busca  
uma razão de ser.

E ela fugindo sempre... E eu procurando-a, doido,  
sempre mais, sempre em vão,  
deslembrado talvez de que o amor está todo  
apenas na ilusão!

Quis perdoá-la, esquecê-la... E vi que me faltava  
fôrça para querer:  
eu amava demais para perdoar, amava  
demais para esquecer!

Sentindo que seria impossível privar-me  
dela que estava em mim,  
convenci-me de que só me restava odiar-me  
por tê-la amado assim.

Quis odiar-me, tentei odiar-me sem clemência,  
detestar-me... Porém,  
amei-me, idolatrei a minha própria essência,  
que era a dela também.

E, amado por mim mesmo, amando-a em mim, eu devo  
hoje em dia contar,  
nas rugas do meu rosto e nas canções que escrevo,  
a delícia de amar!

## IX

### A SAUDADE DAS FÓLHAS

Sobre o meu banco ancião, junto às árvores tortas,  
venho sofrer o outono da alamêda.  
Há um ranger enervante e bom de fôlhas mortas  
na paisagem finíssima de sêda.

E estende-se a meus pés a tristeza de tudo  
que fui, que foste, do que sou, do que és...  
E as árvores também têm, no chão de veludo,  
a saudade das fôlhas a seus pés...

X

SAUDADE

Só.

Para além da janela,  
nem uma nuvem, nem uma fôlha amarela  
manchando o dia de ouro em pó...

Mas, aqui dentro, quanta bruma,  
quanta fôlha caindo, uma por uma,  
dentro da vida de quem vive só!

Só — palavra fingida,  
palavra inútil, pois quem sente  
saudade, nunca está sozinho: e a gente  
tem saudade de tudo nesta vida...

De tudo! De uma espera  
por uma tarde azul de primavera;  
de um silêncio; da música de um pé  
cantando pela escada;  
de um véu erguido; de uma boca abandonada;  
de um divã; de um adeus; de uma lágrima até!

No entanto, no momento,  
tudo isso passa  
na asa do vento,  
como um simples novêlo de fumaça...  
E é só depois de velho, uma tarde esquecida,  
que a gente se surpreende a resmungar:  
“Foi tudo o que vivi de toda a minha vida!”  
E começa a chorar...

XI

“SPLEEN”

**E** a vida continua... E continua  
o mesmo outono e o mesmo tédio... Os galhos  
vão ficando tão nus, a alma tão nua,  
e os meus cabelos pretos tão grisalhos!

Vem aí Dom Inverno... Vem com sua  
neurastenia... Uns últimos retalhos  
de fôlhas mortas passam pela rua:  
e passa o bando dos meus sonhos falhos...

Triste inutilidade desta vida!  
Uma árvore ainda espera, aborrecida,  
uma impossível primavera... E ao ver

sua silhueta rendilhando o poente,  
penso em alguém que espero inútilmente,  
numa inútil vontade de viver!



SERENIDADE



I

AMOR, FELICIDADE...

**I**nfeliz de quem passa pelo mundo,  
procurando no amor felicidade:  
a mais linda ilusão dura um segundo,  
e dura a vida inteira uma saudade.

Taça repleta, o amor, no mais profundo  
íntimo, esconde a jóia da verdade:  
só depois de vazia mostra o fundo,  
só depois de embriagar a mocidade...

Ah! quanto namorado descontente,  
escutando a palavra confidente  
que o coração murmura e a voz não diz,

percebe que, afinal, por seu pecado,  
tanto lhe falta para ser amado,  
quanto lhe basta para ser feliz!

## II

### A UM POETA

Poeta da rua, vais... E, à tua frente,  
teus sonhos, tuas ilusões douradas  
vão como as fôlhas mortas: tristemente,  
sôbre o dórso veloz das enxurradas.

Quando sobe, redonda e transparente,  
a lua subterrânea das baladas,  
tua sombra te segue mudamente,  
conspirando contigo nas calçadas...

Se, erguendo os braços, o teu vulto atira  
um gesto à glória, na ânsia de alcançá-la,  
teu corpo toma a forma de uma lira!

Se a glória desce e, bêbedo de luz,  
abres os braços, na ânsia de abraçá-la,  
teu corpo toma a forma de uma cruz!

### III

#### CUIDADO !

Ó namorados que passais, sonhando,  
quando voga, no céu, a lua cheia!  
Que andais traçando corações na areia  
e corações nos peitos apagando!

Desperta os ninhos vosso passo... E quando  
pelas bôcas em flor o amor chilreia,  
nem sei se é o vosso beijo que gorgeia,  
ou são as aves que se estão beijando...

Mais cuidado! Não vá vossa alegria  
afligir tanta gente que seria  
feliz sem nunca vos ouvir nem ver!

Poupei a ingenuidade delicada  
dos que amaram sem nunca dizer nada,  
dos que foram amados sem saber!

## IV

### DOR OCULTA

Quando uma nuvem nômade destila  
gôtas, roçando a crista azul da serra,  
umas brincam na relva; outras, tranqüilas,  
serenamente entranham-se na terra.

E a gente fala da gotinha que erra  
de fôlha em fôlha e, trêmula, cintila,  
mas nem se lembra da que o solo encerra,  
da que ficou no coração da argila!

Quanta gente, que zomba do desgosto  
mudo, da angústia que não molha o rosto  
e que não tomba, em gôtas, pelo chão,

havia de chorar, se adivinhasse,  
que há lágrimas que correm pela face  
e outras que rolam pelo coração!

V

FELICIDADE

**E**la veio bater à minha porta  
e falou-me, a sorrir, subindo a escada:  
“Bom dia, árvore velha e desfolhada!”  
E eu respondi: “Bom dia, fólha mortal!”

Entrou: e nunca mais me disse nada...  
Até que um dia (quando, pouco importa!)  
houve canções na ramaria torta  
e houve bandos de noivos pela estrada...

Então chamou-me e disse: "Vou-me embora!  
Sou a Felicidade! Vive agora  
da lembrança do muito que te fiz!"

E foi assim que, em plena primavera,  
só quando ela partiu, contou quem era...  
E nunca mais eu me senti feliz!

## VI

### ESPERANÇA

**E**u dizia, a seguir devagarinho  
pela estrada da vida: “Quem me dera  
ter, como os outros, um olhar que espera  
e um coração que não está sòzinho!”

Em cada galho despertava um ninho  
ao som da minha voz... E, aos poucos, era  
como se uma encantada primavera  
espiritualizasse o meu caminho...

Calei-me, então, maravilhado... E tudo  
foi-se fazendo cada vez mais triste,  
e eu fui ficando cada vez mais mudo...

Então senti que era infeliz, porque eu  
apenas soube que a Esperança existe,  
quando a Esperança desapareceu!

## VII

### MOCIDADE

**E** os meus amigos dizem sempre: "Amigo,  
quanta vida esbanjada num minuto!  
Muitas vêzes um galho, por castigo,  
estala ao pêso do seu próprio fruto!

Teus olhos riem... Mas que riso, amigo!  
Esse olhar, que as olheiras põem de luto,  
é a sombra apenas de um olhar antigo  
que, de tanto chorar, ficasse enxuto!"

Falam: e lembram-me a velhice, a morte...  
Mas o meu coração fala mais forte  
do que todo o rumor desta cidade!

E repete-me sempre, satisfeito,  
a bater, a bater dentro do peito:  
"Ó bemaventurada mocidade!"

## VIII

### TARDE

**A** Tarde morre suavemente, como um poeta...  
E, estendendo no céu a mão longa e nervosa,  
desfolha a flor do dia em nuvens côr de rosa...  
Há uma virgem chorando em cada lírio, inquieta...

Uma asa tonta risca o espaço, silenciosa.  
O lago de cristal tem uma dor secreta  
e uma fôlha, que tomba, enrugalhe, medrosa,  
como a fronte de um velho, a superfície quieta.

Alguém chora outro alguém sôbre o musgo de um  
[banco.  
No ar parado perpassa uma ânsia de violinos,  
de perguntas de amor que ficam sem respostas...

E a Tarde, em seu caixão de virgem, todo branco,  
passa, lânguida e morta... E, pela voz dos sinos,  
tôdas as tôrres vão rezando de mãos postas...

## IX

### SILÊNCIO

**Silêncio** — voz do amor, voz da alma, voz **das coisas**;  
suave senhor dos céus, dos claustros e **das grutas**;  
quebra-te o encanto o vôo, em **têmulas volutas**,  
do bando singular das lentas mariposas!

**Silêncio** — alma da dor de pálpebras enxutas;  
reino branco da paz, dos círios e das lousas;  
quando me calo, és tu, só tu, Silêncio, que ousas  
falar-me, e quando falo, és só tu que me escutas!

**Irmão** gêmeo da morte, ó mística linguagem  
com que se fala a Deus! Meu coração selvagem  
segreda-te a impressão que à flo. da alma resvala

**e tu** lhe fazes, mudo, a confiança triste  
que te faz a mudez de tudo quanto existe,  
porque és, Silêncio, a voz de tudo o que não fala!

X

TRISTEZA

**T**risteza, minha irmã de lábios silenciosos,  
vem meditar comigo: a lâmpada está acesa.  
Vê como êste abat-jour tem gestos voluptuosos  
e acaricia a luz como um noivo, Tristeza!

Sóror Tristeza, dá-me os teus dedos nervosos  
na patena de luz que brilha sôbre a mesa!  
Põe nos meus lábios os teus lábios incestuosos,  
e em meus ouvidos põe teu silêncio, Tristeza!

Santa Tristeza, dorme um pouco do meu sono!  
Sôbre os meus olhos fecha os teus olhos de outono!  
Meu leito te abre, ouvindo a ilusão dos teus passos,

os cortinados, como alguém que abraze os braços...  
Este silêncio é um mau desejo e a noite tem  
o gesto de quem leva um dedo aos lábios... Vem!

XI

SUAVE COLHEITA

**Q**ue te entristece, coração velhinho?  
Olha atrás o passado: que mais queres?  
Quantos sonhos e quantos malmequeres  
desfolhados ao longo do caminho!

Tantas rosas colheste! E hoje, sòzinho,  
porque estranhas o espinho em que te feres?  
Como as rosas são tôdas as mulheres:  
quem colhe a rosa também colhe o espinho...

Feliz, que te iludiste! Os teus amôres,  
de que andaste, insaciável, aspirando  
o perfume sutil de um só minuto,

foram apenas como certas flores  
que a gente colhe, de manhã, pensando  
que são belas demais para dar fruto!



INDICE DO TOMO I



## SIMPLICIDADE

	Pág.
<i>A Primeira Mágoa</i>	
Coração .....	11
Canção da simplicidade .....	13
Simplicidade, Felicidade... ..	16
A alma triste da rua .....	18
As árvores da rua .....	20
Os varredores .....	25
As neblinas .....	29
Cantiga da névoa .....	33
As asiladas .....	39
As velas .....	43
Ondas do mar .....	45
Elegia de maio .....	48
Morte .....	52
Metempsicose .....	55
<i>O Primeiro Amor</i>	
Elegia dos sinos .....	61
Balada do solitário .....	64
O cruzado .....	66
Despedida .....	68
Esquecimento .....	70
Paraíso perdido .....	72
O soneto do poeta feliz .....	74

	PÁG.
Balada do poeta ébrio .....	76
Bretã .....	78
O último sonêto .....	80

### NA CIDADE DA NEVOA

Na cidade da névoa .....	87
A alma da rua .....	90
O altar de pedra .....	93
Os combustores .....	96
Oh! A cidade à noite .....	99
Estas chuvas .....	102
Os mostradores .....	105
As tórres .....	108
Os casarões .....	111
Os tísicos .....	114

### SUAVE COLHEITA

Sob um signo propício e um céu de bom agouro ....	119
---	-----

#### *Poemas de Aço*

I — Pórtico .....	123
II — A melhor conquista .....	125
III — Cavaleiro do amor .....	127
IV — O herói .....	129
V — Perceval .....	131
VI — O jogral .....	133
VII — O foragido .....	135
VIII — Última Cruzada .....	137
IX — Castelo no ar .....	139

## Os Últimos Românticos

	Pág.
I — A música eterna .....	143
II — Essa que eu hei de amar... ..	146
III — Esta vida .....	148
IV — Os últimos românticos .....	151
V — Pelas estradas silenciosas .....	153
VI — Desfolho a vida .....	155
VII — Mary .....	157
VIII — A cruel delícia .....	159
IX — A saudade das fôlhas .....	162
X — Saudade .....	164
XI — "Spleen" .....	166

## Serenidade

I — Amor, felicidade .....	171
II — A um poeta .....	173
III — Cuidado! .....	175
IV — Dor oculta .....	177
V — Felicidade .....	179
VI — Esperança .....	181
VII — Mocidade .....	183
VIII — Tarde .....	185
IX — Silêncio .....	187
X — Tristeza .....	189
XI — Suave colheita .....	191





Este livro foi composto na Indústria Gráfica Siqueira S. A., à rua Augusta, 235, São Paulo, e impresso na Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, São Paulo, para a Livraria Martins Editôra S. A., em Novembro de 1952.



37 1/6







114544 C 6

# TÔDA A POESIA

GUILHERME DE ALMEIDA



Tomo II



**Compõe-se esta edição de 3.000 exemplares, numerados de 1 a 3.000; e, mais 50 exemplares em papel Westerledger, que o Autor numerou e rubricou.**

# TÔDA A POESIA

**GUILHERME DE ALMEIDA**

Tomo II

**M E S S I D O R**

Nós (1914-1917)

A Dança das Horas (1918-1919)

Livro de Horas de Sórora Dolorosa  
(1919-1920)



**LIVRARIA MARTINS EDITÔRA S.A.**  
**RUA SÃO FRANCISCO, 77/81 — SÃO PAULO**



Nesta compilação de "Tôda a Poesia", de Guilherme de Almeida, é observada a ordem cronológica da composição, e não a da publicação dos vários livros.

NÓŠ



I

O pequenino livro, em que me atrevo  
a mudar numa trêmula cantiga  
todo o nosso romance, ó minha amiga,  
será, mais tarde, nosso eterno enlêvo.

Tudo o que fui, tudo o que foste eu devo  
dizer-te: e tu consentirás que o diga,  
que te relembre nossa vida antiga,  
nos dolorosos versos que te escrevo.

Quando, velhos e tristes, na memória  
rebuscarmos a triste e velha história  
dos nossos pobres corações defuntos,

que êstes versos, nas horas de saudade,  
prolonguem numa doce eternidade  
os poucos meses que vivemos juntos.

## II

**E**u não sei quem tu és. Sonhei-te linda,  
amei-te em sonho e vivo neste sonho.  
Para encontrar-te, numa dor infinda  
pus-me a caminho, pálido e tristonho.

Tu não sabes quem sou. Sonhas-me ainda  
a alma triste dos versos que componho.  
E, suspirando pela minha vinda,  
pulsa, em teu peito, o coração risonho.

Sonhamos. Quando, um dia, eu fôr velhinho,  
hei de encontrar-te, velha, no caminho...  
E juntos, cambaleando, aos solavancos,

nós levaremos, pela tarde calma,  
tôda uma primavera dentro da alma,  
todo um inverno de cabelos brancos...

### III

Estas e muitas outras coisas, certo,  
eu julgava sentir, quando sentia  
que, descuidado e plácido, dormia  
num inferno, sonhando um céu aberto.

Mas eis que, no meu sonho, luzidia  
passas e me olhas muda. E tão de perto  
me olhas, tão junto passas, que desperto,  
como se em teu olhar raiasse o dia.

Data de então a página primeira  
da nossa história, sem a mais ligeira  
sombra de mágoas nem de desenganos.

Bastou-nos, para haver felicidade,  
a pujança da minha mocidade  
e a flor de carne dos teus verdes `anos.

#### IV

**M**as não passou sem nuvem de tristeza  
êsse amor que era tôda a tua vida,  
em que eu tinha a existência resumida  
e a viva chama de minha alma, acesa.

Nem lemos sem vislumbre de incerteza  
a página do amor, lida e relida,  
mas pouquíssimas vêzes entendida,  
sempre cheia de engano e de surprêsa.

Não. Quantas vêzes ocultei a minha  
dor num sorriso! Quanta vez sentiste  
parar, medroso, o coração de gêlo!

— É que nossa alma às vêzes adivinha  
que perder um amor não é tão triste  
como pensar que havemos de perdê-lo.

V

Vem, partamos, que o mundo nos espera!  
Não te assobrem as noites sem luas,  
nem estranhes as pedras que pisares,  
nem te engane a miragem da quimera.

Muito espinho hás de ver, que dilacera  
a própria flor com que brotou. Não páres:  
verás, no estio, névoa pelos ares  
e morrerem jardins, na primavera.

Mas que importa? Sou moço, és bela e temos  
um bem que nós sòmente conhecemos  
e que a vida não dá porque o não tem.

Vamos com nosso amor, vamos agora,  
de olhos fechados, pela vida afora,  
de braços dados, pelo mundo além!

## VI

**E**spero-te, pensando: “Ela não tarda...  
Prometeu-me: há de vir”... E com que aflitas,  
longas horas de angústia tu me agitas  
o coração que, tímido, te aguarda!

E espero, tristes horas infinitas,  
um momento de vida que retarda.  
Súbito irrompes, trêmula e galharda,  
numa nuvem de rendas e de fitas.

Vens a mim. Corro, tomo-te em meus braços,  
e te estreito, estreitando mais os laços  
do teu, do meu, do nosso grande amor.

E o teu beijo, o meu beijo, e os nossos beijos  
são mil rosas vermelhas de desejos,  
na primavera do teu corpo em flor.

## VII

**Morre, o dia. Do quadro da vidraça,  
nós contemplamos silenciosamente  
o adeus do sol à terra, à luz escassa,  
à meia-luz da tarde confidente.**

São como um par de noivos que se abraça;  
— êsse roxo dorido do sol-poente  
tem a tristeza voluptuosa e ardente  
de um longo abraço que se desenlaça.

Uma ânsia de viver me abala os músculos;  
dão-me os teus olhos a impressão furtiva  
de dois grandes, tristíssimos crepúsculos.

E, como a orquestração de um mau desejo,  
quebra o sono da tarde pensativa  
o gorgieio frenético de um beijo.

## VIII

**L**ês um romance. Eu te contemplo. Ondeia,  
lá fora, um vento muito leve e brando;  
cheira a jasmims o varandim, brilhando  
ao doentio clarão da lua cheia.

Vais lendo. E, enquanto tua mão folheia  
o livro, eu vejo que, de quando em quando,  
estremecendo, sacudindo, arfando,  
teu corpo todo num delírio anseia.

Lês. São cenas de amor: o encontro, o ciúme,  
idílios, beijos ao luar... Perfume  
que sobe da alma, e gira, e se desfaz...

Vais lendo. E tu não sabes que, sozinho,  
eu te sigo, eu te sinto, eu te adivinho,  
lendo em teus olhos o que lendo estás.

## IX

**N**essa tua janela, solitário,  
entre as grades douradas da gaiola,  
teu amigo de exílio, teu canário  
canta, e eu sei que êsse canto te consola.

E, lá na rua, o povo tumultuário,  
ouvindo o canto que daqui se evola,  
crê que é o nosso romance extraordinário  
que naquela canção se desenrola.

Mas, cedo ou tarde, encontrarás, um dia,  
calado e frio, na gaiola fria,  
o teu canário que cantava tanto.

E eu chorarei. Teu pobre confidente  
ensinou-me a chorar tão docemente,  
que todo o mundo pensará que eu canto.

## X

Vou partir, vais ficar. “Longe da vista,  
longe do coração” — diz o ditado.  
Basta, porém, que o nosso amor exista,  
para que eu parta e fiques sem cuidado.

Dentro em mim mesmo, o coração egoísta,  
quanto mais longe, mais te quer ao lado;  
tanto mais te ama, quanto mais te avista  
e, antes de ver-te, já te havia amado.

Vou partir. Para longe? Para perto?  
— Não sei: longe de ti tudo é deserto  
e tôdas as distâncias são iguais.

Como eu quisera, que, na despedida,  
quando se unissem nossas mãos, querida,  
nunca pudessem desunir-se mais!

## XI

“Minha amiga, não sei se me acostume  
à distância cruel que nos aparta.  
Como é triste isto aqui! Que êste queixume  
contigo todo o meu pesar reparta!

Que saudade! Teus olhos, teu perfume,  
teu riso, tua cabeleira farta...

— E é todo um coração que se resume  
na ingenuidade da primeira carta.

“Pensa em mim, que te quero como um doido;  
tu, que és todo meu bem, meu mundo todo!  
Beijo-te os lábios doces e vermelhos...”

— E, enquanto aguardo dez, cem, mil respostas,  
minha amiga vai lendo, de mãos postas,  
a pobre carta que escrevi de joelhos.

XII

**E**spero uma resposta. O poente ensaia  
pinceladas no quadro das janelas.  
A tarde melancólica se espraia  
no sossêgo das ruas paralelas.

Sob o céu de uma alvura de cambraia,  
as ventoinhas cantam, tagarelas...  
E a paisagem monótona desmaia  
numa crise de fôlhas amarelas.

Espero a carta, espero... E, em vez de vê-la,  
primavera de amor, entrar-me pela  
tristonha solidão da minha porta;

pela minha janela, no abandono,  
vem trazer-me o contágio dêste outono  
o áspero vôo de uma fôlha morta.

### XIII

Noite. E eu só, sempre só. Descabeladas,  
fora, gemem as árvores; o vento  
tem um soluço de arrependimento;  
farfalham fôlhas murchas arrastadas...

Pesa em tudo um cansaço. Andam pasmadas  
as nuvens, a vagar no firmamento;  
ouço um sêco estalar de vigamento  
e o fretenir de um grilo nas calçadas.

Falo ao silêncio e à noite. E ao que está junto  
de mim, a tudo que me vê, pergunto  
por ti: que fazes? onde estás? — Então,

do meu cigarro um rôlo de fumaça  
solta-se, e sobe, e baila, e se adelgaça,  
formando um ponto de interrogação.

#### XIV

**N**ós dois de novo juntos, novamente  
eu a teu lado, tu pelo meu braço,  
eis-nos unidos descuidosamente  
nos mesmos beijos e no mesmo abraço.

Sigo, segues... Que importa que esta gente  
fale tanto de nós? Eu rio e passo,  
como sabes passar, indiferente,  
com muito orgulho e com desembaraço.

Sigo, segues, seguimos lado a lado...  
E, enquanto eu mesmo todo em ti me vejo,  
na glória de te amar e ser amado,

vais celebrando, tonta de prazer,  
na linguagem chilreada do teu beijo,  
a suprema delícia de viver!

XV.

Falam muito de nós. Quanta maldade,  
quanta maledicência, quanta intriga!  
“É um pobre sonho de felicidade...”  
“É um romance de amor à moda antiga!”

“Isso não passa de uma história, que há de acabar como tôdas...” E há quem diga:  
“Já são muito mal vistos na cidade  
aquêle moço e aquela rapariga!”

Diz-se... E eu sinto, num trêmulo alvoroço,  
que vou ficando cada vez mais moço,  
que vais ficando cada vez mais bela...

Nosso mundo (fale o outro: pouco importa!)  
fica todo entre o quadro de uma porta  
e o retângulo azul de uma janela.

XVI

Se esta gente soubesse, eu te dizia,  
como os homens parecem tão pequenos,  
vistos do alto da nossa gelosia,  
longe das dores e dos ais terrenos!

Se esta gente, que vai, soubesse, ao menos,  
que, na tôrre da nossa fantasia,  
o amor, nos dias turvos ou serenos,  
é o teu pão e o meu pão de cada dia!

Se esta gente soubesse! As vêzes ouço  
dizer: “Ela é tão linda! Ele é tão moço!  
O que há de ser aquela água-furtada?!”

Se soubesse! — pensávamos. Contudo,  
essa gente, que vai, sabe de tudo:  
nós é que vamos sem saber de nada.

## XVII

**E**u em ti, tu em mim, minha querida,  
nós dois passamos despreocupados,  
como passa, de leve, pela vida,  
um parzinho feliz de namorados.

E assim vou, e assim vais. E assim, unida  
à minha a tua mão, de braços dados,  
assim nós vamos, como quem duvida  
que haja, no mundo, tantos desgraçados.

Um dia, para nós — não sei... quem sabe? —  
é bem possível que tudo isto acabe,  
que sejas mais feliz, que eu fique louco...

Mas nunca percas, nunca mais, de vista  
aquêles moço sentimentalista  
que te quis muito e a quem quiseste um pouco!

XVIII

Quando as fôlhas cairem nos caminhos,  
ao sentimentalismo do sol-poente,  
nós dois iremos vagorosamente,  
de braços dados, como dois velhinhos.

E que dirá de nós tôda esta gente,  
quando passarmos mudos e juntinhos?  
— “Como se amaram êsses coitadinhos!  
Como ela vai, como êle vai contente!”

E por onde eu passar e tu passares,  
hão de seguir-nos todos os olhares  
e debruçar-se as flores nos barrancos...

E por nós, na tristeza do sol-pôsto,  
hão de falar as rugas do meu rosto  
e hão de falar os teus cabelos brancos!

## XIX

Sonhei: cheia de sol, transfigurada,  
sob um pálio de nuvens luzidias,  
assim te vi que, trêmula, descias  
os degraus silenciosos de uma escada.

**Chegaste a mim, de rosas coroada.  
Então, tomando em tuas mãos macias  
a grinalda de flores que cingias,  
coroaste-me a fronte acabrunhada.**

**Depois, partimos. E, uma a uma, as flores  
foram perdendo, pouco a pouco, as côres,  
caindo na aspereza dos caminhos...**

**E a grinalda de rosas, que me trouxe  
tanta felicidade, transformou-se  
numa coroa irônica de espinhos...**

XX

**N**aquela grande rua sossegada,  
nós fizemos, um dia, o nosso ninho:  
tu, cheia do calor de ser amada;  
eu, coberto das geadas do caminho.

E ali viveste só, vivi sòzinho  
quase a idade de um sonho — quase nada.  
Lá fora, andava o inverno arrepiadinho;  
cá dentro, a primavera desvairada.

Mas, como nada neste mundo é eterno,  
como, fora, voltasse a primavera  
e, cá por dentro, começasse o inverno;

seduziu-te o esplendor de outros ideais...  
— E eu fiquei, para sempre, à tua espera  
e tu partiste para nunca mais!

## XXI

Fico — deixas-me velho. Moça e bela,  
partes. Estes gerânios encarnados,  
que na janela vivem debruçados,  
vão morrer debruçados na janela.

E o piano, o teu canário tagarela,  
a lâmpada, o divã, os cortinados:  
“Que é feito dela?” — indagação — coitados!  
E os amigos dirão: “Que é feito dela?”

Parte! E se olhando atrás, da extrema curva  
da estrada, vires, esbatida e turva,  
tremar a alvura dos cabelos meus;

irás pensando, pelo teu caminho,  
que essa pobre cabeça de velhinho  
é um lenço branco que te diz adeus!

XXII

**T**u senhora, eu senhor, ambos senhores  
de um pequenino mundo. No caminho,  
nunca vi flores em que houvesse espinho,  
nunca vi pedras que não fôsem flores.

Naquele quarto andar, longe das dores  
e tão perto dos céus, com que carinho,  
com quanto zêlo edificaste o ninho  
do mais feliz de todos os amôres!

Tudo passou. Um dia, triste e mudo,  
deixaste-me sòzinho. Hoje tens tudo:  
és rica, és invejada, és conhecida...

E eu tenho apenas, desgraçado e louco,  
daquele amor que te custou tão pouco  
esta saudade que me custa a vida!

... e a vida, a vida, a vida,  
... e a vida, a vida, a vida,  
... e a vida, a vida, a vida,  
... e a vida, a vida, a vida,

... e a vida, a vida, a vida,  
... e a vida, a vida, a vida,  
... e a vida, a vida, a vida,  
... e a vida, a vida, a vida,

... e a vida, a vida, a vida,  
... e a vida, a vida, a vida,  
... e a vida, a vida, a vida,  
... e a vida, a vida, a vida,

## XXIII

**Eu não fui mais que um cético suicida  
que passou, pelo mundo, indiferente,  
a passos leves, esbanjando a vida  
pròdigamente, perdulàriamente.**

“É um pobre moço! Um doido! Nem duvida  
dessa mulher!” — dizia tôda gente.  
Mas eu passava de cabeça erguida  
e te levava a vida de presente!

Dei-te quanto pediste. Ingênuo e nu,  
minha alma tôda ficou sendo outrôra  
tua, só tua, unicamente tua.

Quis dar-te mais: tu nada mais quiseste!  
Pelo bem que te fiz, padeço agora  
a saudade do mal que me fizeste.

XXIV

Que bons tempos aquêles em que eu via  
desenrolar-se o encantador enrêdo  
do romance fatal, que resumia  
dos meus segredos o maior segrêdo!

Na nossa alcova t pida e sombria,  
quanto soluço entrecortado a mêdo!  
Como a noite era curta! Como o dia  
t midamente despontava cedo!

Quanto indiscreto olhar nos cobiçava!  
E quanta gente ouvi que murmurava:  
"Que felizes que são aquêles dois!"

Quando eu te visitava,   minha entrada,  
era tão fácil de subir a escada!  
E tão difícil de descer, depois!

XXV

O nosso ninho, a nossa casa, aquela  
nossa despretensiosa água-furtada,  
tinha sempre gerânios na sacada  
e cortinas de tule na janela.

Dentro, rendas, cristais, flores... Em cada  
canto, a mão da mulher amada e bela  
punha um riso de graça. Tagarela,  
teu canário cantava à minha entrada.

Cantava... E eu te entrevia, à luz incerta,  
braços cruzados, muito branca, ao fundo,  
no quadro claro da janela aberta.

Vias-me. E então, num súbito tremor,  
fechavas a janela para o mundo  
e me abrias os braços para o amor!

XXVI

“Eu te adoro!” — dizias-me, corando.  
“Sou todo teu!” — corando, eu te dizia.  
Ah! que mêdo e que frio! E vinha fria,  
medrosa, a noite sôbre nós baixando.

Nós dois, a sombra, o afago morno e brando  
do leito... E o horror do sol! E o horror do dia!  
De quando em vez, um beijo que fugia...  
E um soluço de amor, de vez em quando...

Era assim: era beijo sôbre beijo,  
abraço sôbre abraço... Um só desejo  
nunca tiveste que não fôsse o meu.

Tal a loucura que de ti me vinha,  
que, em te sentindo cada vez mais minha,  
em me sentia cada vez mais teul

XXVII

**H**oje voltas-me o rosto, se a teu lado  
passo; e eu baixo os meus olhos se te avisto.  
E assim fazemos, como se com isto  
pudéssemos varrer nosso passado.

Passo, esquecido de te olhar — coitado!  
Vais — coitada! — esquecida de que existo:  
como se nunca tu me houvesse visto,  
como se eu sempre não te houvesse amado!

Se, às vêzes, sem querer, nos entrevemos;  
se, quando passo, teu olhar me alcança,  
se os meus olhos te alcançam, quando vais,

— ah! só Deus sabe e só nós dois sabemos! —  
volta-nos sempre a pálida lembrança  
daqueles tempos que não voltam mais!

XXVIII

**D**esato a fita azul que prende o maço  
das tuas cartas. E, ao fazê-lo, creio  
rever ainda o doloroso enleio  
com que tu desataste o último abraço.

Toco-as: rangem — e eu cuido ouvir-te o passo;  
leio-as — ouço-te a voz enquanto as leio;  
beijo-as — sinto o perfume do teu seio  
e o calor do teu braço no meu braço...

Elas me dizem: “Vem! És minha vida!  
Quero viver: não vens... Desiludida,  
eu vou morrendo assim todos os dias...”

Susto a leitura, fito a carta e, mudo,  
leio, entre as linhas que traçaste, tudo  
quanto pensavas e não me escrevias.

XXIX

Nós soubemos passar por esta estrada  
da vida, a passo cadenciado e certo.  
Foi-nos o amor um velho livro aberto,  
que nós folheamos de alma deslumbrada.

Findou-se o livro, quando já bem perto  
vinha aquela fatal encruzilhada:  
dois atalhos contrários. Fatigada,  
tomaste o teu; tomei o meu, incerto.

E como duas sombras silenciosas,  
vamos revendo as coisas dolorosas,  
as tristíssimas coisas desta vida...

Doidos! Nunca pensamos, um segundo,  
que, assim opostos, dando a volta ao mundo,  
tornaremos ao ponto de partida!

**XXX**

**V**amos, portanto, como dois estranhos,  
deixando para traz o nosso ninhol  
Desmancha ao vento os caracóis castanhos  
do teu cabelo, e vai devagarinho!

Devagarinho como eu vou... São ganhos  
os momentos perdidos no caminho.  
Foi tão curta a ilusão, foram tamanhos  
os desenganos que provei sozinho!

E é tão pequeno o mundo em que vivemos,  
que é impossível que não nos encontremos,  
que não nos encontremos nunca mais!

Há uma vaga esperança refletida  
nos adeuses que trocam, pela vida,  
os que vão como eu vou, como tu vais!

XXXI

**E**ra uma história simples e sombria  
que a minha velha pajem me contava.  
Eu tinha a graça da inocência — e ouvia;  
ela, o encanto dos velhos — e falava.

Naquela mesma história, cada dia,  
que novas emoções eu não achava!  
“O príncipe cresceu...” — ela dizia;  
“Quando eu fôr como o príncipe!” — eu pensava.

Deixa também que a nossa pobre história  
viva sempre no fundo da memória  
e a tua boca tímida a repita!

Hão de tremer os homens e as mulheres,  
cada vez que, contando-a, tu disseres:  
“Era uma vez uma mulher bonita...”

XXXII

Quando a chuva cessava e um vento fino  
franzia a tarde tímida e lavada,  
eu saía a brincar, pela calçada,  
nos meus tempos felizes de menino.

Fazia, de papel, tôda uma armada;  
e, estendendo meu braço pequenino,  
eu soltava os barquinhos, sem destino,  
ao longo das sarjetas, na enxurrada...

Fiquei moço. E hoje sei, pensando nêles,  
que não são barcos de ouro os meus ideais:  
são feitos de papel, são como aquêles,

perfeitamente, exatamente iguais...  
— Que os meus barquinhos, lá se foram êles!  
Foram-se embora e não voltaram mais!

XXXIII

**O**utono. As fôlhas tombam ao sol-poente...  
Num espreguiçamento de folhagem,  
maio boceja pensativamente,  
na tristeza infinita da paisagem.

Fôlhas sôltas ao vento: sôlto à aragem,  
vai meu último sonho à amiga ausente...  
Inútilmente as árvores reagem,  
e eu reajo também inútilmente!

E sinto, árvore triste e abandonada,  
que já branqueja meu cabelo prêto,  
que amarelecem árvores na estrada...

Que o vento vai levar, rumo diverso,  
do último galho e do último sonêto  
a última fôlha e o derradeiro verso!

---

# A DANÇA DAS HORAS



## A DANÇA DAS HORAS

**F**rêmito de asas, vibração ligeira  
de pés alvos e nus,  
que dançam, tontos, como dança a poeira  
numa réstea de luz...

São as horas, que descem por um fio  
de cabelo do sol,  
e vivem num contínuo corrúpio,  
mais obedientes do que o girassol.

Dançando, as doze bailarinas tecem  
a vida; e, embora irmãs,  
não se vêem, não se dão, não se parecem  
as doze tecelãs!

E, de mãos dadas, confundidas quase  
no invisível sabbat,  
elas são silenciosas como a gaze,  
ou farfalhantes como o tafetá.

Frágeis: têm a estrutura inconsistente  
da teia imaterial  
que uma aranha teceu pacientemente  
nos teares de um rosal.

E, entre tules volantes, noite e dia,  
o alado torvelim  
vertiginosamente rodopia,  
numa elasticidade de Arlequim!

Vêm coroadas de rosas, num remoinho  
cambiante de ouro em pó:  
cada rosa, que esconde o seu espinho,  
dura um minuto só.

Sessenta rosas, vivas como brasas,  
traz cada uma; e, ao bater  
da talagarça diáfana das asas,  
põem-se as coroas a resplandecer...

A proporção que gira à minha frente  
o bailado fugaz,  
cada grinalda, vagorosamente,  
aos poucos, se desfaz.

E quando as doze dançarinas, feitas  
de plumas, vão recuar,  
levam as fronteiras, claras e perfeitas,  
circundadas de espinhos, a sangrar...

Assim, depois que a estranha sarabanda  
na sombra se dilui,  
penso, vendo o outro bando que ciranda  
em tórno do que fui,

que há uma alma em cada gesto e em cada passo  
das horas que se vão:  
pois fica a sombra de seu véu no espaço,  
fica o silêncio de seus pés no chão!...

“ARS AMANDI”

I

Antes que venha a bem-amada, fecha  
tua janela azul, para que o sol não corra  
pela sala, veloz como uma flecha,  
e, ferido de luz, o teu amor não morra.

Não que devas temer vê-la: onde estejas  
— no teu sonho, no mundo, ante Deus, entre o povo —  
nunca a verás demais por mais que a vejas,  
porque tudo que é belo é eternamente novo!

Fecha a tua janela, para teres,  
como o olhar se habitua à treva pouco a pouco,  
mais demorado o gôsto dos prazeres,  
mais lenta a percepção do teu desejo louco.

Corta os fios de sol, apaga-os, vence-os!  
Quando a amada entrar lenta e coroada de flores,  
hão de rodeá-la as luzes e os silêncios,  
as penumbras e os sons, os perfumes e as côres!

Quando chegar a bem-amada, faze  
com que ela mesma, pouco a pouco, te convença,  
pelo olhar, pelo gesto, pela frase,  
que é uma nova mulher que te procura!

Quando chegar a bem-amada, faze  
com que ela mesma, pouco a pouco, te convença,  
pelo olhar, pelo gesto, pela frase,  
que é uma nova mulher que te procura!

Quando chegar a bem-amada, faze  
com que ela mesma, pouco a pouco, te convença,  
pelo olhar, pelo gesto, pela frase,  
que é uma nova mulher que te procura!

**II**

**Quando chegar a bem-amada, faze  
com que ela mesma, pouco a pouco, te convença,  
pelo olhar, pelo gesto, pela frase,  
que é uma nova mulher que te procura! Pensa**

que é uma tua inimiga que te ameaça,  
que te traz um prazer e um arrependimento:  
gôzo doido e fugaz — que é uma fumaça,  
remorso — que é um carvão apagado e cinzento...

Defende-te! E quando ela, como um barco,  
riscar o lago azul da tua vida quieta,  
reteza o pensamento como um arco:  
e a frase há de partir, pronta como uma seta!

Flecha após flecha, umas nas outras crava:  
terás feito um cordão por onde irás prendê-la!  
Esgota sem piedade a tua aljava,  
que ela mesma, depois, há de saber enchê-la.

### III

Sê solitário em teu amor! Procura  
crer que estás só, quando ela estiver a teu lado:  
terás então essa desenvoltura,  
que é para todo amor meio caminho andado.

O amor é o poema do egoísmo. Busca  
beijar-te no teu beijo e em teu braço abraçar-te:  
tua volúpia será menos brusca  
e teu prazer terá mais beleza e mais arte.

Faze com que ao amor tu te acostumes,  
sem sentires o bem e o mal que êle te faça,  
pois o amor deve ser como os perfumes:  
quem os traz já não sente o que sente quem passa.

Compara o gôzo de hoje ao mais agudo,  
ao mais forte, ao melhor da tua mocidade:  
se fôr igual, será o maior, pois tudo  
aumenta, quando visto através da saudade!

#### IV

Antes que parta a bem-amada, evita  
deixar que amadureça o prazer de um minuto!

Colhe a flor que perfuma e que palpita:  
muitas vêzes a flor vale mais do que o fruto.

E se um desejo em tua carne esfria,  
busca outro, antes que o ardor do teu corpo o  
[consuma:  
para haver a mais simples melodia  
uma nota não basta — é preciso mais de uma.

Prepara o teu passado: profetiza  
o que dirás do gôzo a que hoje te aventuras!  
Lembra-te sempre de que o amor precisa,  
não de remorsos, mas de saudades futuras...

E êsse gôzo há de ser imperecível,  
pois teu amor será como a espiral de fumo,  
que deleitou teu paladar sensível  
e ainda te encanta o olhar que lhe acompanha o  
[rumo!

V

Quando partir a bem-amada, corre  
à janela: abre-a ao sol, ao céu, à luz, à vida!

Que entre um pouco de tudo o que não morre,  
junto aos restos mortais de uma hora bem vivida!

Não que devas tentar varrer agora  
o que ficou da amada e que te mortifica.  
Debalde o tentarás: não se evapora  
o que fica de alguém, porque é na alma que fica.

Abre a janela, para que a alma possa  
comparar o esplendor da natureza viva  
à beleza do amor, que ainda te roça  
a carne moça e forte, ardente e sensitiva!

Abre-a! Que entrem perfumes, luzes, côres,  
sombras, silêncios, sons . . . — todo o cortejo antigo  
da amada! E, à luz dos poentes cismadores,  
tu pensarás então que ela ainda está contigo!

## A EXALTAÇÃO DOS SENTIDOS

**O** outono despe os plátanos, tecendo,  
ao longo da alamêda,  
uma complicação de talagarça...  
Maquinalmente estendo  
o olhar vadio: um turbilhão de sêda  
foge, num passo elástico de garça.

Sigo a silhueta: a curva ágil do salto  
toca, leve, o betume.  
Sigo-a... E, seguindo a sedução fugace  
daquela flor do asfalto,  
embriaga-me um anônimo perfume  
que é como um beijo que se evaporasse...

Alcanço-a, falo. E ela responde, a esmo,  
qualquer coisa que tange  
no bôjo azul da tarde côm de opala...  
E eu não distingo mesmo  
se é sua voz de tafetá que range,  
se é o ranger do vestido que me fala.

Toco-a de leve e com unção tamanha  
— a unção que o outono evoca —  
que sinto apenas que por mim perpassa  
a sensação estranha  
que acaricia os dedos de quem toca  
um pensamento, um sonho, uma fumaça...

Beijo-a: sinto um sabor inédito e acre.  
E, beijando-a, parece  
que a não beijei, mas que a provei... É como  
se a uma flor côr de lacre  
houvesse haurido o pólen, ou tivesse  
mordido a polpa histórica de um pomo.

Deixo-a... Eu nunca supus que, eternamente,  
meus olhos, meu olfato,  
meu paladar, meu tacto e meus ouvidos,  
sentiriam sòmente  
essa que hoje é o meu êxtase insensato  
e a eterna exaltação dos meus sentidos!

## FLOR DO ASFALTO

**F**lor do asfalto, encantada flor de sêda,  
sugestão de um crepúsculo de outono,  
há no teu gesto o lânguido abandono  
de uma fôlha que cai, tonta de sono,  
riscando a solidão de uma alamêda...

Trazes nos olhos a melancolia  
das longas perspectivas paralelas,  
das avenidas outonais, daquelas  
ruas cheias de fôlhas amarelas,  
sob um silêncio de tapeçaria...

Em tua voz nervosa tumultua  
essa voz de folhagens desbotadas,  
quando choram ao longo das calçadas,  
simétricas, iguais e abandonadas,  
as árvores tristíssimas da rua!

Flor da cidade, em teu perfume existe  
qualquer coisa que lembra fôlhas mortas,  
sombrias de pôr-de-sol, árvores tortas,  
pela rua calada em que recortas  
tua silhueta extravagante e triste...

Flor de volúpia, flor de mocidade,  
teu vulto, penetrante como um gume,  
passa e, passando, como que resume,  
no olhar, na voz, no gesto e no perfume,  
a vida singular desta cidade!

## AS BONECAS

**D**entre os gerânios da janela,  
debruço os olhos sôbre o asfalto:  
há um silencioso sobressalto  
pela folhagem amarela,  
sob o céu largo, de cobalto.

Na rua, então, daqui, dali,  
vejo surgirem, uma atrás  
de outra, as bonecas... E, fugaz,  
o bando vai num frenesi,  
num frenesi de tafetás.

E as flores tímidas da moda,  
pela calçada de quadrados,  
brancos e pretos alternados,  
deslizam, param, fazem roda,  
cheias de risos desbotados.

Sobre êsse manto de Arlequim  
as figurinhas vão... Talvez,  
com sua frágil languidez,  
pareçam peças de marfim  
no tabuleiro de um xadrez!

Visão de "haschich" ou sonho de ópio,  
cada uma delas é um pedaço  
de luz e côr no vidro baço  
de um singular caleidoscópio,  
que a tarde gira pelo espaço.

São como insetos a dançar  
dentro de um grande girassol;  
bonecas que fios de sol  
fazem mover e cirandar,  
num palco enorme de guignol!

São lindas! Mas, para que ondule  
mais leve o bando que perpassa,  
surges também, cheia de graça,  
de luz, de nervos e de tule,  
com movimentos de fumaça.

E eu penso então, vendo-te vir,  
que, num remoinho de ouro em pó  
e numa nuvem de filó,  
tôdas acabam por sumir  
para fundir-se numa só!

## O IDILIO SUAVE

**C**hegas. Vens tão ligeira  
e és tão ansiosamente esperada, que enfim,  
nem te sentindo o passo e já te tendo inteira,  
completamente em mim,  
quando, tôda Watteau, silenciosa, apareces,  
é como se não viesses.

Vens... E ficas tão perto  
de mim, e tão diluída em minha solidão,  
que eu me sinto sozinho e acho imenso e deserto  
e vazio o salão...  
E, sem te ouvir nem ver, arde-me em febre a face,  
como se eu te esperasse!

Partes. Mas é tão pouco  
o que de ti se vai, que ainda te vejo o arfar  
do seio, e o teu cabelo, e o teu vestido louco,  
e a carícia do olhar,  
e a tua boca em flor a dizer-me doidices,  
como se não partisses!

## QUE ESTRANHA MELODIA...

Que estranha melodia  
sobe das tuas mãos de porcelana  
e das teclas nervosas de marfim!  
Com tons antigos de tapeçaria,  
a paisagem de maio é quase humana,  
sob o céu côr de cinza como o *spleen*...

O piano sensitivo  
ao contacto do outono e dos teus dedos,  
crispa os nervos sonoros de metal.  
No parque há um pôr-de-sol contemplativo  
e um espreguiçamento de arvoredos,  
dentro da tarde sobrenatural.

É a música do outono,  
é o áspero ranger das fôlhas sôltas  
que enche o bôjo do piano singular.  
As fôlhas tombam lânguidas de sono,  
e as notas sobem leves, como envôltas  
numa nuvem de gaze e de foulard...

Desbotada, lá fora,  
esvoaça a última fôlha; e, desbotado,  
o último acorde esvoaça no salão...  
Que estranha melodia sobe agora  
dos teus dedos dormindo no teclado,  
do meu beijo cantando em tua mão!

## ROSA DA PÉRSIA

Ainda ontem, sôbre o piano, esta rosa da Pérsia  
vivia numa suave e langorosa inércia,  
colhida ao seu canteiro e ao seu sol — mas vivia...  
E vivia talvez daquela melodia  
que tua mão tirou dançando no teclado,  
dêsse noturno tão saudoso e tão velado  
que fazia pensar que era o próprio perfume  
da rosa que roçasse o ouvido, num queixume...

Hoje, porque êste sol te enervasse, feriste  
uma nota violenta, alta, vibrante e triste.  
O piano estremeceu e a rosa desfolhou-se  
numa agonia leve, e delicada, e doce...  
Pétalas a rolar sôbre marfins doentios  
e sôbre a excitação de dez dedos esguios...

Pobre rosa da Pérsia, o nosso amor, medrosa,  
serenamente, vive em minha alma harmoniosa.  
Feres na alma sonora um noturno, em surdina:  
e há um perfume de sons em tua mão divina...  
Mas, retém a nevrose em que te exaltas! Olha  
que, se o piano estremece, a rosa se desfolha!

## HARMONIA VERMELHA

O teu beijo resume  
tôdas as sensações dos meus sentidos.  
A côr, o gôsto, o tacto, a música, o perfume  
dos teus lábios acesos e estendidos  
fazem a escala ardente com que acordas  
o fauno encantador  
que, na lira sensual de cinco cordas,  
tange a canção do amor!

E o tacto mais vibrante,  
o sabor mais sutil, a côr mais louca,  
o perfume mais doido, o som mais provocante  
moram na flor triunfal da tua bôca!  
Flor que se olha, e ouve, e toca, e prova, e aspira;  
flor de alma, que é também  
um acorde vermelho em minha lira,  
que é meu mal e é meu bem...

Se uma emoção estranha  
— o gôsto de uma fruta, a luz de um poente —  
chega a mim, não sei de onde, e bruscamente ganha  
qualquer sentido meu, é a ti sòmente  
que ouço, ou aspiro, ou provo, ou toco, ou vejo...  
E acabo por pensar  
que qualquer emoção vem de um teu beijo  
que anda disperso no ar...

## MALMEQUER

**P**assas horas inteiras debruçada  
sôbre a imobilidade dos meus olhos.  
Tomo-te os dedos — tua mão de fada  
é como um malmequer... Beijo-os, desfolho-os...

Mal me quer, bem me quer... Entre os meus dedos  
passam longas carícias de veludo.  
Tua bôca de esmalte tem segredos,  
mas teus olhos de amêndoa dizem tudo!

Dizem que há uma volúpia côr de sangue  
oculta entre os teus dedos sensitivos:  
— antes que murche a tua mão exangue  
na ponta dos teus braços convulsivos,

deixa que eu a desfolhe... E enquanto escorrem  
teus finos dedos desarticulados,  
pensa que muitos malmequeres morrem  
tristes porque não foram desfolhados!

## A CARÍCIA DOS DEDOS

Doce carícia dos teus dedos  
longos, nervosos, de faiança!  
As tuas mãos são meus brinquedos,  
são meus brinquedos de criança...  
Doce carícia dos teus dedos  
que meu beijo procura e só meu sonho alcança!

Dedos afeitos ao carinho  
suave das cordas harmoniosas,  
a abrir missais de pergaminho,  
martirizar lírios e rosas...  
Dedos afeitos ao carinho  
de tudo o que produz perturbações nervosas!

Dedos repletos de malícia,  
de um sentimentalismo agudo,  
acostumados à carícia  
das almofadas de veludo...  
Dedos repletos de malícia,  
que podem quase nada e que conseguem tudo!

Dedos de luz, que até parece  
que de um vitral alguma santa  
deixou cair durante a prece.  
No piano têm tanta alma, tanta,  
— dedos de luz! — que até parece  
que é o teclado que toca e é tua mão que canta!

Dêsses teus dedos fiz, um dia,  
os cinco tubos de uma avena:  
e eram tão cheios de harmonia,  
que da excitante cantilena  
dêsses teus dedos fiz, um dia,  
essa alma musical que há em minha alma terrena...

Teus cinco dedos me provocam  
o olhar, os lábios, os ouvidos,  
as mãos, o olfato... E se me tocam,  
intencionais ou distraídos,  
teus cinco dedos me provocam  
a melhor sensação dos meus cinco sentidos!

## O CIÚME

**M**inha melhor lembrança é êsse instante no qual,  
pela primeira vez, me entrou pela retina  
tua silhueta provocante e fina  
como um punhal.  
Depois passaste a ser unicamente aquela  
que a gente se habitua a achar apenas bela  
e que é quase banal.

E agora que te tenho em minhas mãos, e sei  
que os teus nervos se enfeixam todos em meus dedos,  
e os teus sentidos são cinco brinquedos,  
com que brinquei;  
agora que não mais me és inédita; agora  
que compreendo que, tal como eu te vira outrora,  
nunca mais te verei;

agora que, de ti, por muito que me dê,  
já não me podes dar a impressão que me deste,  
a primeira impressão que me fizeste,  
— louco, talvez,  
tenho ciúme de quem não te conhece ainda  
e, cedo ou tarde, te verá, pálida e linda,  
pela primeira vez!

## FETICHISMO

Sou fetichista, adoro tudo  
que é teu: a página marcada  
de um livro; o sono de veludo  
da tua lânguida almofada;  
um cravo esplêndido e vermelho  
que morre; a vida singular  
que tu puseste em cada espelho,  
ao sortilégio de um olhar;

aquêlê acorde, aquela escala  
que do teu piano andou suspensa  
na ressonância desta sala;  
a tua lâmpada; a presença  
imperativa de um perfume:  
o teu chapéu... — tudo afinal  
que vem de ti, que te resume,  
tem seu prestígio emocional!

E êste contacto voluptuoso  
com tanta coisa evocativa  
é tão sensual, tão delicioso  
para minha alma sensitiva,  
que espero, cheio de ansiedade,  
cada momento em que te vais,  
e chego mesmo a ter vontade  
de que não voltes nunca mais!

## O FRASCO VAZIO

**E**ntro. A alcova deserta  
tem a imobilidade santa de uma imagem...  
O livro está fechado. A ampla janela, aberta  
para o spleen da paisagem,  
não enquadra a silhueta galga e fina  
do teu corpo de moça e de menina.

Não estás. Entretanto,  
tão contagiosa é a graça infinita que exalas,  
que em tudo o que me cerca há um pouco dêsse  
[encanto  
com que andas, com que falas,  
com que me olhas a rir, com que me iludes,  
com que tomas estranhas atitudes...

Olho o tapête fôfo:  
ainda traz a impressão dos teus tacões delgados;  
e o divã preguiçoso ainda guarda no estôfo  
os traços delicados  
do teu corpo, e dir-se-ia que ainda goza  
um contacto de carnes côr de rosa.

O alto espelho parece  
rir, feliz de te haver possuído inteira e nua;  
e, na alcova deserta, onde nada te esquece,  
levemente flutua  
o "store" claro, recordando quase  
o teu vestido imaterial de gaze...

Portanto, a tua ausência  
é uma vaga presença, esbatida em tons frios...  
E este aposento lembra, assim, sem tua essência,  
êsses frascos vazios  
que guardam sempre no cristal, consigo,  
uma lembrança do perfume antigo...

## O ESPELHO

**O** espelho põe na alcova abandonada  
uma vida imprevista e delicada:

vida sutil que é a tua própria vida,  
que é uma presença pálida e esbatida

e que êle guarda no cristal, com ciúme,  
como um frasco qualquer guarda um perfume.

E quando o poente desce e, lento e lento,  
caminha devagar pelo aposento,

e a lâmpada abre as pálpebras e me olha,  
e a derradeira rosa se desfolha,

e o olhar das jóias no teu cofre brilha,  
e das cinzas de uma última pastilha,

no teu perfumador de ônix e jade,  
sobe um perfume antigo de saudade

— eu me aproximo, sem me ver, do espelho  
e, sem querer, não sei porque, me ajoelho.

Olho no fundo do cristal: e, rubro,  
fresco e sensual como uma flor, descubro

teu sorriso; e pequeno, e doce, o pomo  
do teu seio; e os teus olhos que são como

dois pensamentos materializados;  
e os teus cabelos de ouro, alucinados;

e as tuas mãos, que são como dois lírios;  
e os teus braços de cêra, como círios

acesos de volúpia e de desejo;  
e o teu corpo excitante como um beijo...

Olho-te assim, e te suplico, e rogo:  
estendo as mãos e estendo a bôca... E, logo,

mal o meu gesto o alcança, o vidro puro  
faz-se enevoadado e baço... E eu te procuro

no fundo calmo do cristal fanado:  
quebrou-se o encanto... Em vão! tudo apagado!

Olho a alcova deserta e silenciosa:  
dormiu a lâmpada; está morta a rosa;

sonham as jóias no teu cofre antigo;  
e o teu perfumador guarda consigo,

como urna fúnebre, uma cinza clara,  
que é o cadáver do aroma que passara...

Tudo o que em mim é vida: o alento mudo  
da bôca, o fogo do meu corpo, tudo

— como um inseto tímido que risca  
a água dormente, perturbando a arisca

aparição da lua à flor de um lago —  
desmancha o encanto misterioso e vago

da visão delicada de um momento,  
mais fugidia do que um pensamento...

Será preciso que eu, ó sonho esquivo,  
para alcançar-te, não esteja vivo?!

## MEU LINDO GALHO DE SALGUEIRO

**É** magra, estranha e delicada;  
flexível como um galho de salgueiro,  
que, um dia, mergulhou na água estagnada  
do meu olhar hospitaleiro.

E, desde então, nessa atitude,  
vives eternamente perturbando  
a superfície espiritual do açude,  
que já não dorme — e vai sonhando...

Mas todo sonho é como bôlha  
dourada de sabão... O outono, um dia,  
virá tirar-te a derradeira fôlha  
com sua mão cinzenta e fria.

E, entre juncais e árvores tortas,  
à flor do velho lago hospitaleiro,  
hão de boiar as tuas fôlhas mortas,  
meu lindo galho de salgueiro!

## OS TRÊS GESTOS

Vês? Três gestos somente: um olhar descuidado,  
que era um desejo volatilizado,  
que era a luz de um desejo;  
dois lábios estendidos para o beijo  
e o teu roupão caindo a meu pés, mole e lento  
como um consentimento...

Três gestos, nada mais! Foi pouco, mas o resto  
foi a repetição de cada gesto  
dessa suave trindade;  
foi a continuação, foi a saudade  
do olhar, do beijo e do consentimento — a glória  
de tôda a nossa história!

Tanto tempo passou! E hoje que te olho ainda,  
e te beijo, e consentes, calma e linda,  
neste amor, tu duvidas  
que três eternidades, que três vidas  
— êsse olhar, êsse beijo, êsse consentimento —  
coubessem num momento!

## O MOMENTO DO AMOR.

O relógio de mogno, antigo, grave, enorme,  
dorme  
na angústia silenciosa  
dos imensos salões abandonados,  
na alma dos Gobelins, na vida misteriosa  
dos espelhos fanados...

Dorme parado e marca  
uma hora do passado, uma hora velha, uma hora  
de outrora . . .

E lembra-se da mão que abrira, um dia, uma arca  
de pau-santo, e tirara a peruca, os pantufos  
e o vestido de tufos,  
para o minuete,  
sôbre a volúpia do tapête . . .

E recorda-se então da marquesinha empoada,  
afogada em cetins, espartilhada:  
uma estatueta de faiança . . .

E do cravo de Holanda que rompera  
os compassos de uma dança,  
que era um sonho de sons na tarde côr de cêra . . .  
e do galante fidalgo  
que, apoiado ao bastão de porcelana,  
num passo airoso de galgo,  
leve como uma renda valenciana,  
tomara docemente a mão medrosa e pura  
da marquesinha tôda Século XVIII,  
e numa velha medida,  
com muito de cortês e algum tanto de afoito,  
como se todos os sentidos  
aflorassem-lhe à bôca, num momento,  
beijou-lhe os lábios distraídos,  
num beijo esplêndido e violento!

O relógio viu tudo...  
E, no velho silêncio de veludo  
que a música rascante dêsse beijo  
bruscamente eriçou,  
tremeu, ciumento e mudo, à frente do cortejo  
das horas... e parou!  
Parou... E agora, imóvel mas radiante,  
vive marcando com saudade  
o instante dêsse beijo, aquêlê instante  
que ficou sendo uma serena eternidade...

Há corações que param no passado...  
No seu silêncio sagrado  
êles repetem agora  
um silêncio de outrora...  
É o silêncio que existe na furtiva,  
na saudosa atitude  
da bôca que se entrega ou que se esquiva,  
da mão que diz adeus ou que lança uma flor...  
Porque há uma eternidade, há um céu que não ilude  
no momento do amor!

## A ILUSÃO DOS SENTIDOS

Um olhar sem sentido,  
perdido na emoção de uma tarde, perdido  
na perspectiva igual de uma alamêda,  
segue a ilusão do teu vestido suave  
que perpassa no sono azul da tarde grave,  
como um sonho de sêda.

Um perfume sem nome,  
que fica no teu rastro e sobe, e gira, e some  
na prostração de um pôr-de-sol de maio,  
dá-me a impressão de que é êste próprio outono  
evaporado, dá-me indolências de sono,  
sensações de desmaio...

Uma palavra louca,  
que é a tarde musical cantando em tua bôca,  
mistura-se ao ranger do teu vestido,  
que me fala da branca intimidade  
do teu corpo, e me conta a tua mocidade,  
baixinho, ao meu ouvido...

Um gesto fútil, nada  
mais que o leve roçar dos teus dedos de fada  
e eis meus nervos vibrando à flor da pele:  
ei-los sentindo sucessivamente  
as sensações que vão do gesto que consente  
ao gesto que repele.

Um beijo, um simples beijo,  
— o contacto sutil das asas de um desejo —  
pousa em teu corpo fino como um gume:  
fere-se e morre... E entre os meus lábios fica  
o sonho de uma bôca ansiosa que suplica  
e o gôsto de um perfume!

Ilusão dos sentidos!

Olfato, ouvido, olhar, tacto e gôsto diluídos  
num só sentido, para um só momento!  
— O que tu me deixaste, ó flor asfalto,  
foi apenas um doce, um cadenciado, um alto,  
um longo pensamento!

LIVRO DE HORAS  
DE SÓROR DOLOROSA



**Accipe librum, et devora illum; et faciet amaricari  
ventrem tuum, sed in ore tuo erit dulce tanquam mel.**

**(APO., X, 9)**



**MATINAS E LAUDES;**



## OFERENDA

**E**m minha mão mais fresca que uma concha,  
suspendo aos lábios do Senhor  
as lágrimas de fel da pobre monja  
que amou demais o seu amor;

em minha voz de desbotados timbres,  
levo aos ouvidos do Senhor  
uma alma feita em sons, uma alma simples,  
que amou demais o seu amor;

em meu alento, onde ânsias se diluem,  
envio ao rosto do Senhor  
um coração desfeito numa nuvem,  
que amou demais o seu amor;

em meu burel, que é um grande lírio negro,  
revelo aos olhos do Senhor  
um corpo, em luto eterno e sem sossêgo,  
que amou demais o seu amor...

Como na valva fresca de uma concha  
ressoa o mar, deixai, Senhor,  
que tudo fale na canção da monja  
que amou demais o seu amor!

## A CADEIA DE CRISTAL

**M**uda em beleza a dor! A ave prêsa tem tanta saudade do seu céu, que já não chora: canta.

Na graça colonial dêste claustro, atrás destas  
paredes de azulejos claros, entre as frestas  
das rótulas e sob a bênção dêstes largos  
beirais verdes de musgo, os meus olhos amargos  
têm doçuras de mel para olhar êsse mundo,  
que é tão belo na forma e tão triste no fundo.  
Olho: — no peitoril de uma janela aberta  
há um lânguido edredon ao sol, e uma coberta,  
contando, com seu riso alvíssimo de linho,  
a vida de uma alcova onde o amor fêz seu ninho;  
mais longe, uma mulher de branco, muito loura,  
colhe, na sombra verde, uma flor tentadora;  
mais além, sôbre a areia, uma criança brinca,  
bebendo o céu pelos seus olhos de pervinca;  
na rua, um homem passa e, assobiando loucuras,  
no pudor da manhã põe saudades impuras...

Olho — e sofro de ver. Mas quando esta alma, cheia  
de “spleen”, sacode os elos fortes da cadeia  
que a prende à branca paz dêste convento calmo,  
sobem, na sombra, os sons suavíssimos de um salmo...  
É que a cadeia se transforma, à luz do sonho,  
nos anéis de cristal dos versos que componho.

## OS LAGOS

**A**mo os lagos azuis de alvas águas tranqüilas.  
Entre os cílios de junco, êles são as pupilas  
da terra, olhando o céu de gaze, olhando, no alto,  
asas, astros e a clara amplidão de cobalto...

Quando o céu se entristece, o lago é triste; quando  
o céu é alegre, o lago alegra-se: e, espelhando  
a vida azul do espaço, e pondo luz e côres  
na môrna prostração das águas incolores,  
é um pedaço de céu exilado na terra.

Mas, na órbita de areia e de líquens, que o encerra,  
no seu seio, onde vivem sêres singulares,  
sob o calmo vogar dos brancos nenufares,  
sem reflexos de céu e arrepios de inseto,  
o lago é sempre o mesmo: impassível e quieto.

Sob o amplo céu do amor, alto, inconstante e vago,  
uma noite eu sonhei que minha alma era um lago...

## A ÂNFORA DE ARGILA

*...et vinum effunditur...*  
(MAT., IX, 7)

**E**stá cheia demais minha ânfora de argila.  
Transborda a essência: és pobre e eu posso reparti-la  
contigo, ó tu que vens de tão longe e tão perto  
passas de mim! É longo e estéril o deserto...

Meu vinho é puro e toca os bordos do meu vaso:  
antes que o beba o chão, Peregrino do Acaso,  
chega-te, e vem matar no bocal generoso  
a eterna sêde do teu cântaro poroso!  
Enche-o e parte! Depois, olha atrás... e recorda!

Todo amor não é mais do que um “eu” que trans-  
[borda.

## O INDIFERENTE

Êle passou no meu caminho,  
por acaso...  
Morria um lírio, alvo e sòzinho,  
no meu vaso;

rolava a tarde pela face  
do sol-pôsto,  
como uma lágrima que andasse  
pelo rosto...

E êle não viu que dêsse pobre  
lírio doente  
vinha êste luto que me cobre  
tristemente;

e que essa tarde era tão cheia  
de amargura,  
porque em meus olhos espelhei-a  
com ternura...

Nem viu que eu via, no seu vulto  
longo e lento,  
o céu que o amor traz sempre oculto  
num momento;

que estas olheiras de saudades  
são exílios,  
prendendo os olhos entre as grades  
dos meus cílios;

que a sua sombra, pela estrada,  
sôbre a alfombra,  
era minha alma disfarçada  
numa sombra;

que o coração, no seu compasso  
contrafeito,  
marcava o ritmo do seu passo  
no meu peito;

que era o meu hálito sem calma  
todo o encanto  
da viração, que punha uma alma  
no seu manto...

.....

Mulheres... Movem-se como uma  
pluma ao vento...  
Mas — ah! — quem é que empresta à pluma  
movimento?

Se o vento passa, a pluma faz-se  
de inconstante...  
Mas fica a pluma: o vento... vai-se  
num instante!

## ELE PASSOU

**Ê**le passou... Fôra melhor que não passasse:  
porque Ele é como o pensamento,  
que chega e foge num momento,  
deixando o rastro de uma ruga pela face...

## O CANTICO DOS CANTICOS

*Ego dilecto meo, et dilectus meus mihi, qui pascitur  
inter lilia.*

(CAN., VI, 2)

Êste é o meu Cântico dos Cânticos,  
a exaltação da minha vida,  
tôda a expressão do meu amor.  
Meus pobres olhos são românticos  
porque me viram refletida  
nos olhos bons do meu Senhor.

O Bem-Amado é longo e pálido,  
pálido e longo como um lírio,  
e suave, e bom como um perdão.  
Ao seu contacto amante e cálido,  
meu corpo todo é como um círio  
piedoso, aceso em sua mão.

A sua mão é o meu oráculo:  
tomo-lhe os dedos e desfolho-os,  
como se fôsse um malmequer.  
O seu olhar é um tabernáculo  
onde eu adoro êstes meus olhos,  
êstes meus olhos de mulher.

Em cada nervo, em cada músculo,  
Ele tem sombras de sol-pôsto  
que se prolongam sôbre mim:  
por isso há sempre êste crepúsculo  
agonizando no meu rosto  
feito de cinza e de marfim.

É como o sol a sua túnica.  
Com longos fios de cabelo  
da minha trança, que cortei,  
fiz-lhe êsse manto esplêndido, única  
e simplesmente para vê-lo  
vestido de ouro, como um rei.

Sempre que estendo a mão fanática,  
ou que debruço o olhar tristonho  
sôbre o meu lago espiritual,  
é como uma alva flor aquática,  
na superfície do meu sonho,  
sua silhueta de cristal.

Como volutas de um turíbulo,  
voaram meus braços para o Eleito,  
desde a primeira vez que o vi.  
Quando transpus o seu vestibulo,  
meu coração fugiu do peito:  
foi nos meus joelhos que o senti!

## A SERENATA

É a noite lenta,  
sonolenta,  
a grande noite tropical...  
O amor põe brotos,  
como o lótus,  
à flor do lago espiritual.

É a noite clara  
feita para  
O Bem-Amado e para mim:  
a noite é um leito  
todo feito  
de linhos alvos e marfim...

Branco e tristonho,  
no meu sonho,  
ó Todo-Amado, és o meu luar:  
o luar de neve,  
suave e leve,  
da lua que há no meu olhar...

Entre os teus dedos  
há segredos...  
E as minhas mãos fanadas são  
aves noturnas,  
taciturnas,  
fazendo ninho em tua mão...

Os meus sentidos,  
distendidos  
ao teu contacto encantador,  
são cinco cordas  
com que acordas  
no bôjo da alma a voz do amor...

É a noite lenta,  
sonolenta,  
a grande noite tropical...  
O amor põe brotos,  
como o lótus,  
à flor do lago espiritual...

## A TENTAÇÃO

*Media nocte surgebam...*  
(PSA., CXVIII, HETH, 62)

**P**or uma noite doída,  
eu levantei-me tôda  
envôlta em cinza e “spleen”,  
e fui, a passo lento,  
plantar meu pensamento  
num canto do jardim.

A terra, clara e fria,  
sonhava que era dia;  
e, no jardim claustal,  
as grandes flores loucas  
beijavam, como bôcas,  
a noite tropical.

Havia, no ar parado,  
perfumes de pecado,  
clarões de olhos pagãos,  
e músicas de beijo,  
sabores de desejo,  
contactos de alvas mãos...

E a noite voluptuosa  
entrou-me — deliciosa  
como um punhal de mel —  
a carne, onde os sentidos  
viviam esquecidos,  
bebendo absinto e fel.

Então, na trama escura  
daquela noite impura,  
um desejo infernal  
luziu e, num instante,  
riscou, como um diamante,  
minha alma de cristal.

Foi meu desejo louco  
diluir-me, pouco a pouco,  
nessa noite pagã,  
para que o sol entrasse  
como um amante, e amasse  
meu corpo, de manhã...

Quando voltei à vida,  
olhei, arrependida,  
o céu sereno... E vi,  
num risco, de repente,  
uma estrêla cadente  
cair como eu caí.

## MAOS POSTAS

*Osculetur me osculo oris sui...*  
(CAN., I, 1)

Êle falou-me: “Tuas mãos são como  
“dois alvos lírios na haste de teus braços;  
“são asas com que voas, num assomo  
“de amor, pelo infinito dos espaços...

“Elas são, entre as fôlhas do breviário,  
“como aves entre fôlhas silenciosas;  
“desfiando as lentas contas do rosário,  
“são como o vento desfolhando as rosas...

“Todo o teu sêr piedoso se resume  
“nelas; pois elas são, quando me adoras,  
“turíbulos em que, como um perfume,  
“miraculosamente te evaporas...”

Disse — e beijou-me os dedos. E tão louca  
foi a vertigem que me estremecera,  
que senti, nesse instante, minha bôca  
fugir do rosto para as mãos de cêra.

E, avara dêsse beijo suave e doce,  
fechei-o entre meus dedos, comovida,  
para que nunca mais êle se fôsse...  
E fiquei de mãos postas tôda a vida!



**VĒSPERAS**



## ESTANCIA I

### SÔBRE O AMOR

**M**eu amor fê-lo rei. Depois, a minha história  
foi a de tôdas: no esplendor que o deslumbrava,  
esqueceu-me — esqueceu que tinha o trono e a glória  
no coração da escrava.

## ESTANCIA II

### SÔBRE A BONDADE

És bom. E, porque és bom, tua bondade  
encanta-me e comove-me. Ela é o dom  
com que me prendes. — Que perversidade,  
ser bom!



## ESTANCIA III

### SÔBRE O CIÚME

“Talvez... Quem sabe?” — E soffro. E, abatida e  
[descrente,  
entrando em tua alma pelo teu olhar,  
começo a procurar desesperadamente  
uma coisa qualquer que não quero encontrar.



## ESTANCIA IV

### SÔBRE A FELICIDADE

Sóror Felicidade é alegre como a vida.  
— Por quê és alegre, Felicidade?  
— Mais alegre é quem viu, no caminho, estendida,  
a minha sombra, que é claridade.

Sóror Melancolia é triste como a morte.

— Por quê és tão triste, Melancolia?

— Porque a Felicidade, uma vez, por má sorte,  
apareceu por onde eu ia...



## ESTANCIA V

### SÔBRE A PUREZA

“Sê como o espelho calmo e indiferente,  
“que, refletindo o lôdo e a flor,  
“é sempre o mesmo, inalteravelmente!  
“Sê pura!” — disse-me o Senhor.

Mas, se eu dissesse ao meu espelho, um dia:

“Sê sempre puro!” — ao dizer tal,  
meu hálito de fogo embaçaria  
a superfície do cristal...



## ESTANCIA VI

### SÔBRE O ORGULHO

Cheguei ao cimo da montanha e, olhando  
em baixo os homens tristes, murmurei:  
“Que pequeninos que êles são!” Mas, quando  
voltei,  
de alma vaidosa e coração egoísta,  
entre os homens parece-me que ouvi:  
“Lá no alto, ela era tão pequena, vista  
daqui!”



## ESTANCIA VII

### SÔBRE A AMBIÇÃO

Só  
de pó  
Deus o fêz.  
Mas êle, em vez  
de se conformar,  
quis ser sol. E ser mar,  
E ser céu... Ser tudo, enfim!  
Mas nada pôde! E foi assim  
que se pôs a chorar de furor...  
Mas — ah! — foi sôbre sua própria dor  
que as lágrimas tristes rolaram. E o pó,  
molhado, ficou sendo lôdo — e lôdo só!

## ESTANCIA VIII

### SÔBRE A AMBIÇÃO

**N**um círculo vicioso, homem, todos os teus  
esforços se consomem:  
o homem que quer ser rei, o rei que quer ser Deus,  
e Deus que se faz homem!



## ESTANCIA IX

### SÔBRE A AMBIÇÃO

**L**evas, na tua mão em concha, a água que vai  
saciar-te a sede; e vês, ao longe, um lago incerto:  
abres a mão para a miragem — e a água cai:  
cai, para fecundar... a areia do deserto!



## ESTANCIA X

### SÔBRE A DÚVIDA

**N**ão crês, porque não vês. É a dúvida secreta  
que em vão te desafia:  
— a sombra pode ver o corpo que a projeta,  
mas nunca a luz que a cria.



## ESTANCIA XI

### SÔBRE O DESTINO

“Por que foi que nasci?” — dizes. E, de mãos juntas, volves o olhar a Deus, e Deus te diz, tranqüilo: “Nascestes para, enfim, perguntares aquilo “que, hoje só, me perguntas”.



## ESTANCIA XII

### SÔBRE A VIDA

Se a virtude é uma fôrça e se o pecado é uma fraqueza, nosso ser cansado sente que a vida é uma desarmonia entre a fôrça e a fraqueza. E, de tal sorte, sendo a luta do fraco contra o forte, a vida é apenas uma covardia...



## ESTANCIA XIII

### SÔBRE O PECADO

Vence a fraqueza muita vez... E eu cismo: não seria o pecado um heroísmo?



## ESTANCIA XIV

SÔBRE A DOR

**B**reve é o prazer; a dor é eterna. Quem não há de querer provar a sensação da eternidade?



## ESTANCIA XV

SÔBRE A MORTE

**S**e a morte fôsse um mal,  
o demônio também devia ser mortal...





**COMPLETAS**



## PELA ALAMÉDA

**A**inda ontem vi passar pela quieta alaméda  
um longo vulto silencioso e louro:  
**ia** dizendo adeus, como um lenço de sêda,  
sob o trêmulo adeus das fôlhas de ouro.

E não sei porque foi que me lembrei de alguém,  
do seu gesto de fôlha — que passou,  
de um adeus de ilusões — que passaram também,  
de uma alamêda triste — que ficou...

## A ÁRVORE NUA

Lânguidamente,  
na luz do poente,  
vai-se uma fôlha, como lenta borboleta...  
Mais outra voa  
da árvore boa,  
que fica sendo uma esquelética silhueta,  
gesticulando  
um longo, um brando,  
um grande adeus de galhardia nua e preta...

Ah! não existe  
nada mais triste  
do que viver dizendo adeus... Mas, quem me ~~dera~~  
viver dizendo  
adeus, sofrendo  
a dôr sensual da árvore nua que ainda espera,  
lânguidamente,  
na luz do poente,  
a volta suave de uma suave primavera!

## SÓROR SAUDADE

**S**óror Saudade, no convento do Passado,  
numa suave emoção de quem desfolha flores,  
desfia o seu rosário — e vai, como um pecado,  
pálida e lenta, pelos claros corredores...

Quando o sol canta como um pássaro dourado,  
acendem-se na pedra os vitrais multicores:  
e ela, só, pode ver, no claustro abandonado,  
esse sonho que vem das luzes exteriores.

Mas quando a noite chega e, silenciosa e boa,  
descendo a longa mão que embala e que abençoa,  
fecha os olhos azuis dos anjos nos vitrais,

Sóror Saudade acende os círios: e as rosaças  
brilham ao teu olhar somente, ó tu, que passas,  
meu irmão de tristeza, e que tão triste vais!

## VERDADE

**O**fereci minha alma em holocausto  
à dor, buscando a solidão de um claustro,

onde, como num oásis calmo e verde,  
a caravana branca mata a sede;

onde, aspirando aos céus, os corpos murchos  
são como as flores de água dos repuxos;

onde a alma se levanta, quando à sombra  
dos mágicos vitrais o corpo tomba,

e, acompanhando o rastro do seu próprio  
sonho, ela gira como um heliotrópio...

Quis achar a verdade — e ainda hoje busco  
a cisterna de pedras e de musgo

onde ela dorme nua, como dormem  
meus olhos bons dentro de uns olhos de homem.

No olhar do meu Senhor, como num poço,  
procurci o reflexo misterioso

da verdade encantada; mas, no fundo,  
tremulo e pensativo como um junco,

achei apenas, num reflexo morto,  
a harmoniosa mentira do meu corpo!

## O APÓLOGO DO ESPELHO

*Vanitas vanitatum, et omnia vanitas...*  
(ECC., I, 2)

**D**isse-me o espelho: “Como estás mudada!  
“Teus olhos, que eram sóis antigamente,  
“põem hoje, em tua face, a luz cansada  
“de uma lâmpada doente...

“Tua bôca, mais fresca que uma fonte,  
“murcha em teu rosto diáfano de cêra,  
“como uma flor que vai beijar a fronte  
“da terra em que nascera...

“Esse fio de luar, que ora aparece  
“por entre teus cabelos, escondido,  
“é da alva estriga com que a morte tece  
“teu último vestido...

“Em tua mão de porcelana clara,  
“teus dedos finos vão tomando o jeito  
“dos dedos feitos simplesmente para  
“cruzar-se sôbre o peito...”

Disse-me: e eu — louca! — sem pensar, ergui-o  
na ponta alucinada de meus braços,  
e arremessei por terra o vidro frio,  
que se fêz em pedaços.

Depois, num gesto de salgueiro e pluma,  
sôbre êles debrucei-me; e vi que, em cada  
pedaço, a imagem, que era apenas uma,  
ficou multiplicada!

## CHOVE EM SILÊNCIO

**C**hove em silêncio sob o céu de outono.  
E a chuva clara sôbre a tarde, onde erra  
um perfume de fôlhas e de terra,  
é uma alegria sôbre um abandono.

Sob o céu curvo e bom como uma bênção,  
tudo se anima e tem esgares vagos:  
dançam as fôlhas doidamente, e os lagos,  
franzindo a fronte como os velhos, pensam.

Descabelada, a tarde chora, viúva  
do sol: e, sempre meigas e pacientes,  
as palmeiras estendem os seus pentes  
entre os cabelos de cristal da chuva.

A chuva é uma grande alma comovida.  
Minha existência é uma paisagem calma,  
opaca e imóvel: para dar-lhe uma alma,  
choro, em silêncio, sôbre a minha vida...

## MEUS OLHOS

*Et facta est procella magna venti...*  
(MAR., IV, 37)

**M**eus lindos olhos (que olhos aquêles!)  
eram dois mares,  
cheios de barcos (que é feito dêles?)  
e de alvas velas quadrangulares...

Barcos que vinham (de onde seria?)  
talvez do Oriente,  
trazendo os sonhos (ah! quem diria?)  
de que um Rei Mago me fêz presente.

Mas, certa tarde (que angústia a bordo!),  
como eu chorasse,  
foram-se armando (se me recordo!)  
duas tormentas em minha face.

E hoje meus olhos (ah! o sal do pranto!)  
têm maus presságios...  
E vivem cheios (eu chorei tanto!)  
só de naufrágios... só de naufrágios...

## AS CARAVANAS

**A**ndam nuvens no céu: e eu sonho ao vê-las.

É a caravana branca, que passa  
no Saara azul, erguendo a poeira das estrélas.

Alguém marcha na frente:  
seu albornós é de fumaça,  
e seu alfange é a curva débil do crescente...

Mas aonde irão os dromedários brancos?  
E êsses turbantes feitos de gazes?  
E os palanques, gingando em bambos solavancos?  
Aonde irão êles, aonde,  
se não existe nem um oásis  
nesse deserto de ar em que só Deus se esconde?!

E um mearista dos céus falou-me: “Ê para  
“a terra estéril que as caravanas  
“descem, levando a chuva, que é a alma dêste  
[Saara . . .”  
— Ah! pudessem, um dia,  
subir aos céus nuvens humanas,  
numa lenta ascensão de almas em romarial

## OS OLHOS ABERTOS

Quando o silêncio, com seus dedos de veludo,  
vier fechar-me, de tarde, os olhos e os ouvidos,  
e, entre meus dedos para sempre adormecidos,  
fechar o sonho bom de uma flor; quando tudo

se fechar para mim, indiferente e mudo,  
poupei meus olhos e deixai-os, esquecidos,  
abertos para o sol — o sol dos dias idos —,  
numa ilusão de que mais uma vez me iludo!

Eu quero ver o adeus do mundo! O adeus bondoso  
do céu azul, onde minha alma simples erra,  
e onde uma nuvem é como um lenço saudoso . . .

E, sob um vôo de asas brancas como as almas,  
ver acenar-me, no alto, o adeus verde da terra,  
na gesticulação simbólica das palmas!

## AOS PÉS DA CRUZ

*Plorans, ploravit in nocte, et lacrymae ejus in maxillis  
ejus; non est qui consoletur eam ex omnibus charis  
ejus...*

(LAM., I, BETH)

Como um trapo de vida, aos pés da cruz sucumbo.  
Soldou-me o amor de fogo as pálpebras de chumbo  
para tudo de belo e bom que o mundo encerra,  
para tôda alegria esparsa sôbre a terra.  
Os fanados salões, onde a alma dos minuets  
desmaia no silêncio opaco dos tapêtes;

e os leitos aromais como as bôcas das urnas,  
quando o sol é um carvão sob as cinzas noturnas,  
e os jardins onde a terra, em noites misteriosas,  
bebe a volúpia do ar pelos lábios das rosas;  
e as fontes de cristal sob os bosques sagrados,  
onde há frutas na sombra, e há sustos, e há pecados...  
Tudo que é belo e bom eu perdi — triste monja!  
E tive a lança, tive os cravos, tive a esponja  
de sangue, e fel, e tive a coroa de espinhos.  
E meus olhos, no entanto, amargos e sòzinhos,  
não vêem ninguém chorando ao pé da minha mágoa:  
têm sêde — e em vão procuram olhos rasos de água...

Ah! se ao menos, ao fim dos meus passos incertos,  
eu tivesse por cruz os teus braços abertos!

## I EPITAFIO

O último lírio já murchou no seu canteiro.  
O caule alto e delgado estremeceu, primeiro,  
ao vento, que passou cheio de febre e “spleen”;  
e foi vergando, e foi pendendo, até que enfim,  
na ponta — como bôca acesa e agradecida —  
a flor pôde beijar o chão que lhe deu vida.

Ó Todo-Amado, em ti bebi, como essa flor,  
a vida — e a vida, em mim, transformou-se em amor.  
Tive na bôca amarga a sombra de um desejo:  
quis beijar-te, quis pôr no gôsto dêsse beijo  
a minha gratidão... E beijei-te... Porém,  
foi preciso, Senhor, que eu murchasse também.

## II EPITAFIO

Quando passares pela estrada  
por que passei e onde repouso, sossegada,  
Tu, que és um resto de que fui, pára um momento,  
ó meu amável Pensamento!

E pensa: a terra em que deslizas  
como uma sombra, tem meu corpo que Tu pisas;  
e o céu, que é curvo como um gesto que perdoa,  
guarda minha alma, que foi boa.

Tu, que tiveste, em minha vida,  
meu corpo trêmulo e minha alma comovida,  
que é que te resta? — Mais que tudo: uma saudade,  
que é bem melhor que a realidade...

### III EPITÁFIO



“**A**mo para viver. O amor é a vida. Um dia,  
“eu morrerei de dor,  
“porque deixei de amar...” — Assim dizia  
a que morreu de amor.

ÍNDICE DO TOMO II



## NÓS

	PÁG.
I — O pequenino livro, em que me atrevo ..	9
II — Eu não sei quem tu és. Sonhei-te linda,	11
III — Estas e muitas outras coisas, certo, .....	13
IV — Mas não passou sem núvem de tristeza ..	15
V — Vem, partamos, que o mundo nos espera!	17
VI — Espero-te, pensando: “Ela não tarda... ..	19
VII — Morre, o dia. Do quadro da vidraça, ....	21
VIII — Lês um romance. Eu te contemplo. Ondeia,	23
IX — Nessa tua janela, solitário, .....	25
X — Vou partir, vais ficar. Longe da vista, ..	27
XI — “Minha amiga, não sei se me acostume ..	29
XII — Espero uma resposta. O poente ensaia ..	31
XIII — Noite. E eu só, sempre só. Descabeladas,	33
XIV — Nós dois de novo juntos, novamente ..	35
XV — Falam de nós. Quanta maldade, .....	37
XVI — Se esta gente soubesse, eu te dizia, ....	39
XVII — Eu em ti, tu em mim, minha querida, ..	41
XVIII — Quando as fôlhas caírem nos caminhos, ..	43
XIX — Sonhei: cheia de sol, transfigurada, .....	45
XX — Naquela grande rua sossegada, .....	47
XXI — Fico — deixas-me velho. Moça e bela, ..	49
XXII — Tu senhora, eu senhor, ambos senhores ..	51
XXIII — Eu não fui mais que um cético suicida ..	53
XXIV — Que bons tempos aquêles em que eu via	55

	Pág.
XXV — O nosso ninho, a nossa casa, aquela ....	57
XXVI — “Eu te adoro! — dizias-me, corando ....	59
XXVII — Hoje voltas-me o rosto, se a teu lado ...	61
XXVIII — Desato a fita azul que prende o maço ..	63
XXIX — Nós soubemos passar por esta estrada ...	65
XXX — Vamos, portanto, como dois estranhos, ..	67
XXXI — Era uma história simples e sombria ....	69
XXXII — Quando a chuva cessava e um vento fino	71
XXXIII — Outono. As fôlhas tombam ao sol-poente	73

### A DANÇA DAS HORAS

A dança das horas .....	77
“Ars Amandi” .....	81
A exaltação dos sentidos .....	91
Flor do asfalto .....	94
As bonecas .....	96
O idílio suave .....	99
Que estranha melodia... ..	101
Rosa da Pérsia .....	103
Harmonia vermelha .....	105
Malmequer .....	107
A carícia dos dedos .....	109
O ciúme .....	112
Fetichismo .....	114
O frasco vazio .....	116
O espelho .....	119
Meu lindo galho de salgueiro .....	123
Os três gestos .....	125
O momento do amor .....	127
A ilusão dos sentidos .....	130

## LIVRO DE HORAS DE SÓROR DOLOROSA

### Matinas e Laudes

	Pág.
Oferenda .....	139
A cadeia de cristal .....	141
Os lagos .....	143
A ânfora de argila .....	145
O indiferente .....	147
Ele passou .....	150
O cântico dos cânticos .....	151
A serenata .....	154
A tentação .....	157
Mãos postas .....	160

### Vésperas

Estâncias .....	165
-----------------	-----

### Completas

Pela alamêda .....	175
A árvore nua .....	177
Sóror saudade .....	179
Verdade .....	181
O apólogo do espelho .....	183
Chove em silêncio .....	185
Meus olhos .....	187
As caravanas .....	189
Os olhos abertos .....	191
Aos pés da cruz .....	193
I — Epitáfio .....	195
II — Epitáfio .....	197
III — Epitáfio .....	198





Este livro foi composto na Indústria Gráfica Siqueira S. A. à rua Augusta, 235, São Paulo, e impresso na Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, São Paulo, para a Livraria Martins Editôra S. A. em Novembro de 1952.

















B. M. 1955

